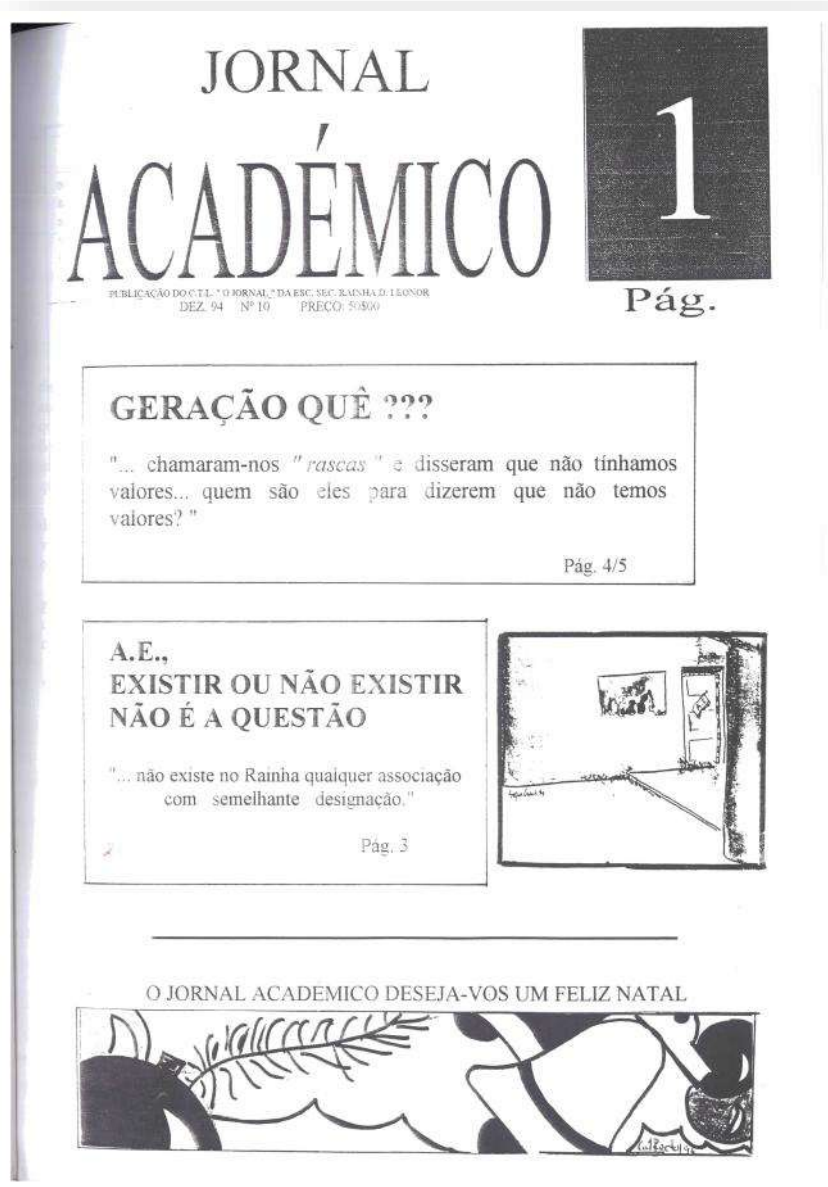




# Jornal Académico

O Jornal Académico chegou à edição 100!!!



## NESTA EDIÇÃO:

Os nossos alunos fora de portas!

Página 5

Roteiro de Fim de Semana: à Descoberta da Rainha D. Leonor por Portugal

Página 10

Rodrigo Sampaio Garrido, vencedor do Prémio António Vieira

Página 19

Quando grandes poetas estudados inspiram jovens poetas

Páginas 20 e 21

Capa da edição nº 10, primeira com o nome "Jornal Académico"

### 100 Edições!

O Jornal teve três coordenadoras até à presente edição. Pedimos à Fundadora do Jornal Académico e às duas Coordenadoras que nos contassem um pouco da história do Jornal e dos seus objetivos.

Páginas 16 a 18



O Prémio Literário foi atribuído ao texto "Carta de Despedida" escrito por Mariana Jorge, 12º 5ª.

É com um misto de grande orgulho e renovada energia que vos apresentamos a 100.<sup>a</sup> edição do nosso Jornal Académico. Este marco histórico não é apenas um número, mas a prova da vitalidade, da persistência e do compromisso de várias gerações de alunos e professores que, desde a sua primeira edição na longínqua última década do século passado (1991), mantiveram viva esta voz. Assim, lembramos a sua fundadora e coordenadora, Dra. Fátima Dias, as coordenadoras que se lhe seguiram, a Dra. Ana Jacinto e a Dra. Lucília Cid, e todos aqueles que se foram juntando para que cada edição acontecesse. Deixamos aqui um agradecimento muito especial à Dra. Sarah Serra, a quem devemos já há alguns anos a sua construção página a página.

Esta edição centenária assinala ainda a chegada de uma **nova coordenação** – uma equipa empenhada em honrar e continuar este longo percurso do jornal. Relembramos com carinho os nomes que moldaram a nossa identidade ao longo dos anos – **Pentágono (n.º1 em dezembro de 1991); CrítArte (n.º4 em dezembro de 1992); 100 Fronteiras (n.º7 em dezembro de 1993) e Jornal Académico (n.º10 em dezembro de 1994)** – cada um refletindo uma época, mas todos ligados pelo desejo de homenagear os nossos alunos e professores nas suas mais variadas atividades e diversificados projetos, em quem a criatividade e o empenho sempre estiveram presentes.

Esta 100.<sup>a</sup> edição é, também, especial por mais um motivo: nela prestamos homenagem aos **500 anos da morte da nossa patrona, a Rainha D. Leonor**, figura cuja visão humanista e ação social continuam a ecoar. D. Leonor (1458-1525) não foi apenas uma Rainha; foi uma mecenas, uma empreendedora social e, sobretudo, a fundadora de uma das instituições mais importantes do país: a **Santa Casa da Misericórdia**.

Hoje, no Agrupamento Rainha D. Leonor, o nosso lema inspira-nos a ir além das dificuldades académicas e pessoais. Inspira-nos a construir uma comunidade de **solidariedade e entajuda**, onde cada aluno, professor e funcionário é parte essencial na superação de qualquer obstáculo. Tal como a Rainha D. Leonor mostrou que pela união se constroem obras duradouras de impacto social, também nós acreditamos que o nosso sucesso reside na força do nosso lema **“Juntos superamos desafios”**.

Que esta 100.<sup>a</sup> edição sirva não só para celebrar a história do nosso jornal, talvez o mais duradouro do seu género, mas para nos inspirar a olhar para o futuro com a mesma visão e espírito de união da nossa patrona.

Que possamos continuar a superar, a criar e a informar por mais cem edições!

**Os coordenadores**



## Nesta Edição

Boas ... Ideias	3
Tamanho XS	4
Tamanho S	5 a 9
Tamanho L	10 a 15
Edição 100—Jornal Académico	16 a 18
Tamanho XL	19 a 29
PNC (Plano Nacional de Cinema)	30
LED (Laboratório de Educação Digital)	30
Oficina da Escrita	31
Passatempos	32

### - FICHA TÉCNICA -

**COORDENAÇÃO:** Alexandra Dionísio, Ana Paula Sá, Fátima Magalhães, Graça Esteves, José Miranda e Sarah Serra

**COLABORAÇÃO:** Adriana Fernandes, Augusta Crespo

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR**

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>



## Ideias em Cadeia

Caríssimo Leitor,

Esta edição é de festa: esta é a centésima edição do nosso Jornal Académico.

Cem oportunidades que os alunos aproveitaram e arriscaram textos, fotos, ideias.

Cem vezes que este jornal provou que a escola ainda é lugar de criação e de coragem.

Obrigada a todos os que o tornaram possível.

Mas, as ideias encadeiam-se, e o facto de trabalhar com adolescentes e jovens, faz-me refletir sobre as causas da sua atuação.

Vejo que muitos dos nossos jovens nunca sofreram as consequências dos seus atos. Em casa, as regras são negociáveis até ao infinito, o “não” é proibido, e tudo é elogiado, tudo é justificado. Chegam à escola e, de repente, a vida muda: um prazo, um resultado negativo, uma chamada de atenção. E os jovens reagem com revolta ou desistência porque nunca aprenderam a mudar de estratégia.

Pior: crescem numa sociedade que cancela em três segundos. Um erro viraliza, e um jovem fica marcado para sempre.

Nós, adultos, insultamo-nos nas redes sociais, no trânsito, no local de trabalho, por uma vírgula no lugar errado, por uma opinião diferente ou uma visão do mundo distinta. Que

exemplo damos?

Resultado: o medo de falhar paralisa-os.

A escola tem de ser o antídoto.

Aqui, o “não” ainda deveria poder ser dito com firmeza e carinho.

Aqui, o erro ainda deveria poder ser matéria-prima, e não uma sentença final/fatal.

Porque proteger não é tirar o trampolim. É dar rede para que saltem mais alto.

Que nas próximas cem edições, este jornal continue a ser lugar de risco, de tentativa e aperfeiçoamento, de revisões até à última hora e de orgulho pelo produto alcançado.

Só assim se forma gente inteira.

Parabéns pelas cem edições.

Que venham mais cem cheias de coragem.

Com elevada estima,

**Fátima Magalhães**

PS: não posso deixar de desejar um Santo e Feliz Natal e um excelente 2026 para o meu Caro Leitor e para a sua família!



Há dias fomos à Biblioteca Municipal dos Coruchéus para assistir à hora do conto. No fim, participámos num atelier.

Gostámos muito!!!

(Sala A)



No âmbito do Dia Mundial da Alimentação, os meninos e meninas do JI A foram ao Mercado Jardim de Alvalade comprar fruta..., e fizeram uma maravilhosa salada de frutas e bom apetite!!!



Pelo São Martinho, os meninos e meninas da sala A fizeram os seus pacotinhos e foram comprar castanhas...



## Os nossos alunos fora de portas!

Maria Piedade Cortes, mais conhecida por Picas, participou na Mini Baja Portalegre, no passado dia 24 de outubro, e foi vencedora na categoria MB2 Quad.

A nossa colega Picas participou na Mini Baja Portalegre e conquistou o primeiro lugar na categoria MB2 Quad, no escalão de 8 anos.

A prova foi muito emocionante e contou com muitos participantes, nos vários escalões. A Picas demonstrou muita coragem, determinação e talento na condução da sua moto 4. Os vídeos da prova podem ser vistos no *Youtube*, bem como no canal da Sport Tv.

Parabéns Picas, pelo resultado que alcançaste, a tua turma e professora orgulham-se de ti!

3º B da

Escola Básica Santo António



n.º 07

O jornal semanal do 2.º A.

### PORTUGUÊS

Esta semana, estivemos a rever os padrões ortográficos br, cr, dr, fr, gr, pr, tr, vr e bl, cl, dl, fl, gl, pl, tl.

 cravo
 flauta

### EDUCAÇÃO FÍSICA

Na terça-feira, foi dia de trabalhar os músculos, no âmbito do programa de apoio à Educação Física curricular - uma iniciativa da C. M. de Lisboa.

### MATEMÁTICA

Na terça-feira, também aprendemos os números até ao 199.

199

### EXPRESSÃO DRAMÁTICA

Na quarta-feira, tivemos mais uma sessão do projeto Expressão e Educação Dramática - uma iniciativa da Junta de Freguesia de Alvalade.

### ELEIÇÕES

Na quinta-feira, elegemos o delegado e o subdelegado. Queres saber quem são? Foi reñhido!

### RADAR

Na quinta-feira, fomos até à Culturgest para mais uma sessão da RADAR - Residência Artística.

### HALLOWEEN

Na sexta-feira, comemorámos o Halloween. Sabias que os meus amigos estavam todos mascarados?

27 A 31 DE OUTUBRO



A turma do 4.ºB da Escola Básica dos Coruchéus realizou uma exposição “Essência Amarga”: desenho, pintura, escrita de poesia, e muitas pesquisas sobre o limão.



## Pesquisamos como se diz limão em diferentes línguas...

<b>Limão</b>	<b>Citron</b> (francês)
<b>Lemon</b> (inglês)	<b>Limon</b> (espanhol)
<b>Zitrone</b> (alemão)	<b>Limone</b> (italiano)
<b>ليمون</b> (árabe)	<b>Лимон</b> (ucraniano)
<b>ليمون</b> (nepalês)	<b>柠檬</b> (mandarim)
	<b>Λεμόνι</b> (grego)

Embora o LIMÃO seja conhecido pelo seu sabor ácido, são vários os seus benefícios, quando incluído na nossa alimentação. Este fruto pode ser utilizado para fazer limonada e para temperar peixe e salada, mas também pode ser usado numa série de outras receitas.

## Mousse de limão

### ingredientes

- 1 lata de leite condensado;
- 2 embalagens de natas;
- 130 ml de sumo de limão;
- limão (raspa da casca) q.b.

### Preparação

1. Bater as natas um pouco, até começarem a espessar.
2. Adicionar o leite condensado e continuar a bater. De seguida, juntar o sumo de limão em fio, batendo.
3. Distribuir o preparado por taças. Enfeitar com raspas de limão e guardar no frigorífico até ao momento de servir.

## 6 Benefícios do limão

*Excelente fonte de vitamina C*

1. Ajuda na perda de peso.
2. Melhora o aspeto da pele: acelera a cicatrização de feridas, previne o envelhecimento precoce e o aparecimento de rugas e combate o acne.
3. Combate infeções e ajuda a melhorar os sintomas de gripes e resfriados.
4. Previne alguns tipos de cancro.
5. Combate a obstipação (prisão de ventre). O seu alto conteúdo em fibras, permite a passagem das fezes. **Beber água quente com limão, em jejum, é um remédio caseiro que poderá ajudar a resolver este problema!**
6. Pode contribuir para a saúde do coração.



Adivinhem... Não é um estendal de roupa...

É um estendal de memórias das férias de verão! As memórias dos alunos do 2.º A da EB Coruchéus.



A praia, o sol, o parque aquático, o aniversário, a Serra da Estrela...





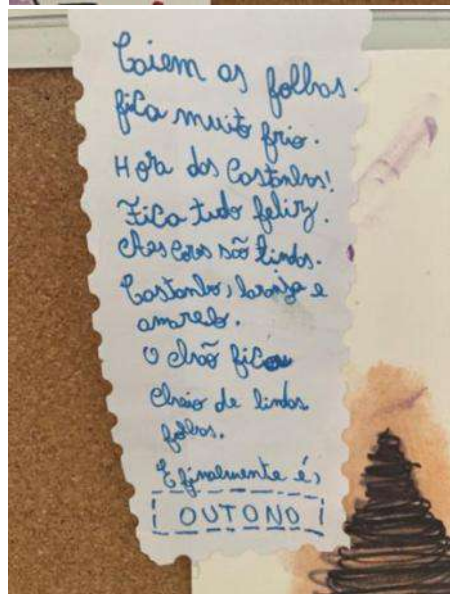
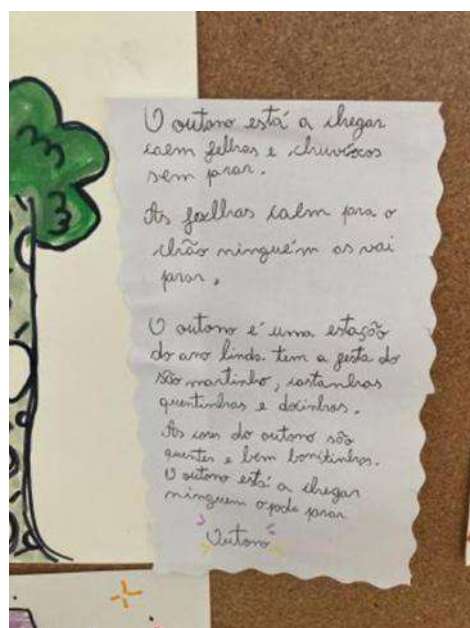
# ARTE & POESIA



Junto palavras e escrevo,  
escrevo o que vejo e o que penso,  
escrevo através da imaginação,  
das cores, dos sons, da arte.  
Escrevo com rimas e sem rimas,  
escrevo para mim e para ti.

Os alunos do 4.ºA inspiraram-se nas  
pinturas de outono para traçarem o  
caminho da escrita.

E assim, de uma forma divertida,  
através da arte, escreveram com  
mais vontade!



## Boletim Informativo | outubro

Escola Básica dos Coruchéus | AERDL

### Conselho Eco-Escolas

No dia 30 de outubro reuniu-se pela primeira vez o Conselho Eco-Escolas 25/26.

Estiveram presentes os Delegados e Subdelegados de todas as turmas, a Direção da Agrupamento, a Coordenação da Escola, uma Assistente Operacional, a Associação de Pais, a "Educar a Sorrir", a J.F. de Alvalade, a CMLx e as Coordenadoras Eco-Escolas.

Hasteou-se a Bandeira Eco-Escolas 24/25.



### Escola Limpa tem outra Pinta!

O 4.º A recolheu os resíduos encontrados no pátio durante o mês de outubro e pesou-os. O lixómetro alerta a comunidade escolar sobre a quantidade de lixo encontrado. A nossa meta é chegar ao verde!



### Dia da Alimentação

Foram criadas obras de arte após debates sobre a importância de uma alimentação saudável.



### Jardim da Escola



O 2.ºA plantou uma glícínia e muitos bolbos no jardim.

### Escola Eletrão

A nossa escola está a recolher pilhas, lâmpadas e pequenos eletrodomésticos. Ajude-nos a impedir que estes resíduos acabem nos aterros sanitários.



Visite o padlet da nossa horta!



## Tamanho S

No âmbito do projeto "Juntos pela Diversidade", os alunos das turmas de primeiro ano A e B e a turma de segundo ano B criaram monstros de todos os tamanhos, formas e cores para a Exposição de Halloween. Utilizaram papéis coloridos, riscadores, cola e tesouras e muita imaginação.

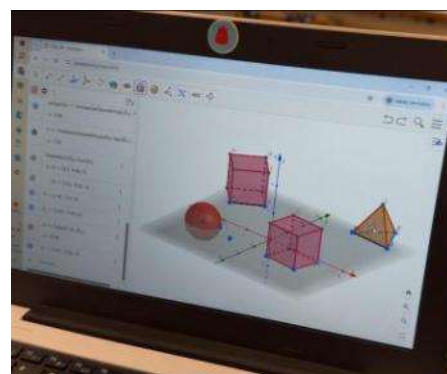
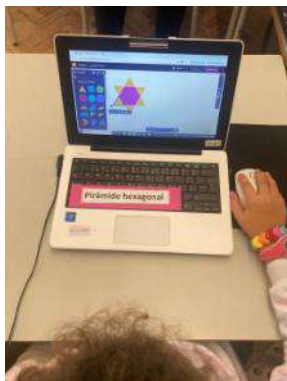
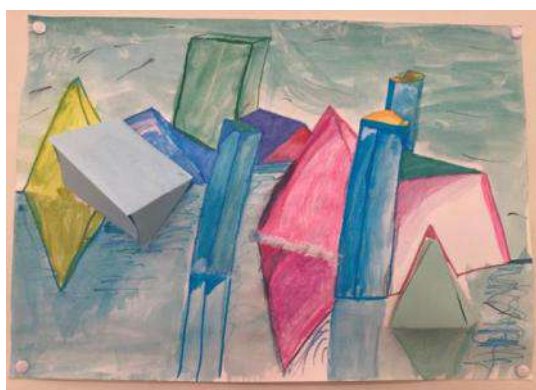
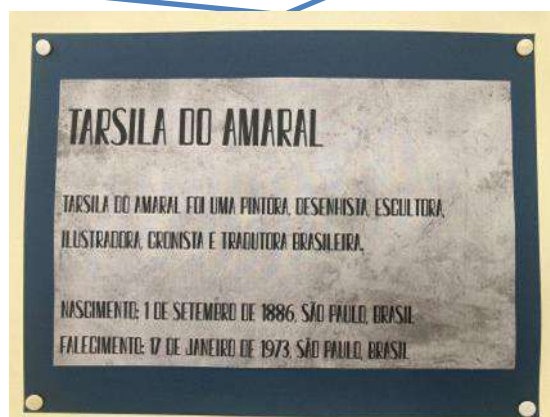


No dia 19 de novembro, a turma do 3.ºA da EB Coruchéus visitou a exposição "Contra-Feitiço" da artista Denilson Baniwa, na Galeria Quadrum.



Inspirados na magia das transparências, brincamos com formas, luzes, cores e composições. E demos vida a belas criações.

A turma do 3.ºB da EB Coruchéus explorou o conteúdo dos sólidos geométricos e suas planificações nas ferramentas "Polypad" e "GeoGebra", uma forma inovadora de aprender. Para consolidação das aprendizagens, passaram à construção e pintura dos sólidos, inspirados na artista Tarsila do Amaral.





No dia Mundial da Alimentação, os pais do 2.ºB da Escola Básica dos Coruchéus deslocaram-se à sala de aula e juntos contribuíram para um dia diferente—fizeram espetadas de fruta. Os alunos também pintaram desenhos alusivos ao tema. Foi um dia muito animado, deixando as crianças muito entusiasmadas.



## Visita ao Instituto Superior Técnico

Os alunos do 1.ºA tiveram uma visita de estudo ao IST, para conhecer um projeto “Explica-me como se tivesse cinco anos”. Participaram na atividade “Como funciona um laboratório que pode viajar na palma da tua mão?”

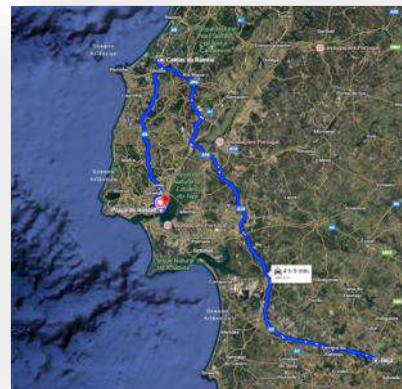
Foi uma manhã de pequenos grandes engenheiros!



## Roteiro de Fim de Semana: à Descoberta da Rainha D. Leonor por Portugal

Vamos conhecer mais sobre a história da Rainha Dona Leonor, a fundadora das Misericórdias e protetora dos pobres. Venham connosco fazer um percurso que vos vai ensinar muito mais do que imaginaram sobre esta rainha de Portugal.

<b>Distância:</b>	cerca de 400km
<b>Duração:</b>	fim de semana
<b>Meios:</b>	de carro e a pé
<b>Dificuldade:</b>	fácil



### Beja – Onde tudo começou

A nossa primeira paragem leva-nos até Beja, no coração do Alentejo. Foi aqui, na Rua dos Infantes, que nasceu a infanta Leonor de Avis, no dia 2 de maio de 1458. Ao visitarem esta rua histórica, estarão no lugar onde começou a vida de uma das mulheres mais influentes da nossa história.

Já que estão em Beja, não deixem de visitar o Museu Rainha D. Leonor, o Castelo, com a sua impressionante torre de menagem, e a Sé Catedral. São três locais cheios de história que ajudam a contextualizar a época em que D. Leonor viveu. Não se vão arrepender e é uma excelente forma de iniciar esta viagem no tempo!



Museu Rainha D. Leonor, Beja

**Para pensarem:** Que tipo de educação e valores acham que uma infanta portuguesa recebia nesta época?

### Caldas da Rainha – A saúde como prioridade



Estátua de homenagem a D. Leonor, Caldas da Rainha

Seguimos agora para as Caldas da Rainha, cidade que deve o seu nome à nossa protagonista. Aqui, em 1485, D. Leonor fundou o Hospital Termal das Caldas da Rainha, considerado o primeiro hospital termal do mundo. Foi construído para tratar gratuitamente os doentes com águas termais, algo revolucionário para a época.

No largo onde se encontra o hospital, podem observar a placa toponímica de homenagem à rainha. Não deixem também de visitar a estátua de D. Leonor, no Largo do Conde de Fontalva. E, se tiverem oportunidade, entrem no Museu José Malhoa. Aí encontrarão o esboço original da estátua e um quadro da Rainha pintado por José Malhoa. Uma forma artística de sentir a presença da figura histórica que estão a explorar.

**Para pensarem:** Por que razão terá sido tão importante, na época, criar um hospital gratuito?

### Rossio (Lisboa) – O coração da Misericórdia

A terceira paragem é Lisboa! Em 1498, a Rainha fundou aqui a primeira Santa Casa da Misericórdia, que viria a inspirar muitas outras por todo o país e pelo mundo. Visitá-la é essencial!

Comecem por procurar no Rossio vestígios do antigo Hospital Real de Todos os Santos, que a Rainha apoiou na sua construção. Já não existe, porque foi devastado pelo Terramoto de 1755. De seguida, subam até ao Largo Trindade Coelho, onde se encontra a sede atual da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Lisboa também vos permite um encontro com Gil Vicente, artista que D. Leonor apoiou e autor de algumas obras que ainda hoje se estudam na escola. Sugerimos também uma visita ao Museu Nacional de Arte Antiga, onde é possível encontrar peças relacionadas com a Rainha e com Gil Vicente.

**Para pensarem:** O que será que fez com que a Misericórdia fosse diferente de outras instituições de caridade?



Santa Casa da Misericórdia, Lisboa



## Xabregas (Lisboa) – O descanso da Rainha

Última paragem: Xabregas!

Foi nesta zona de Lisboa que D. Leonor passou os últimos anos da sua vida, após ficar viúva em 1495. Aqui morreu, em 1525.

Podem visitar o Convento da Madre de Deus, fundado pela própria rainha. No interior, encontra-se o túmulo de D. Leonor, que quis ser sepultada em campa rasa, fria e nua, num local de passagem, para que todos a pudessem pisar, um enorme gesto de humildade cristã.

O convento é hoje parte do Museu Nacional do Azulejo e oferece uma visita riquíssima, não só pelo valor artístico e histórico, mas também por ser um espaço de memória viva da Rainha D. Leonor.

¶ Para pensarem: Qual é a tua opinião sobre a mensagem transmitida pela escolha da rainha ao ser sepultada assim?



Igreja do Convento da Madre de Deus, Lisboa

**Gastão, João, Rodrigo e Xavier**



## A Vida de D. Leonor 1458–1525)

Dona Leonor nasceu no dia 2 de maio de 1458, na Rua dos Infantes, em Beja. Era filha de D. Fernando (irmão do rei D. Afonso V) e de D. Beatriz.

Com quase 13 anos, casou-se com o seu primo, o príncipe D. João, que mais tarde se tornou o rei D. João II. O casamento aconteceu em Setúbal, no ano de 1471.

O casal teve um único filho, o príncipe D. Afonso, que nasceu em 1475. Infelizmente, o príncipe morreu muito jovem, em 1491, depois de cair de um cavalo nos campos da Ribeira de Santarém.

Depois da morte do marido, em 1495, D. Leonor, com uma profunda fé religiosa, dedicou-se a ajudar os mais pobres. Ficou conhecida como a Rainha Perfeitíssima e como a protetora dos pobres.

Em 1485, fundou o Hospital Termal das Caldas da Rainha, o primeiro hospital termal do mundo. Em 1498, criou em Lisboa a Santa Casa da Misericórdia, uma instituição para ajudar os doentes, os pobres e os mais necessitados. Ainda hoje existem Misericórdias em todo o país.

Também apoiou as artes e, em 1503, por exemplo, patrocinou a apresentação do “Auto dos Reis Magos”, uma peça de teatro escrita por Gil Vicente.

Dona Leonor morreu a 17 de novembro de 1525, no Convento da Madre de Deus, em Xabregas, onde ficou sepultada. Pediu para ser enterrada com humildade, para que todos a pudessem pisar, como sinal de que não queria ser superior a ninguém.

**Enzo, Lourenço e Oliver**



## Uma Rainha de Coração Misericordioso

A história de D. Leonor e o nascimento de uma obra de caridade que ainda hoje perdura

### A Rainha D. Leonor e a Fundação das Misericórdias

Num tempo em que os reis e rainhas ditavam não só o rumo do país, mas também o bem-estar do povo, houve uma mulher que se destacou pelo seu coração generoso. D. Leonor nasceu em 1458 e foi rainha de Portugal, casada com D. João II. Após a morte do marido em 1495, retirou-se da corte e focou as suas energias e a sua fé para apoiar os mais pobres e desfavorecidos. Foi ela quem fundou uma das instituições mais duradouras da história portuguesa: a Santa Casa da Misericórdia.

#### A fundação da primeira Misericórdia

No ano de 1498, D. Leonor, com o apoio do irmão, o então rei D. Manuel I, fundou a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A cerimónia teve lugar no claustro da Sé da capital, no dia 15 de agosto — Dia da Assunção de Nossa Senhora. A ideia era criar uma organização composta por pessoas não religiosas, que se dedicassem voluntariamente às chamadas Obras de Misericórdia, inspiradas no Evangelho: uma obra de caridade organizada, prática e próxima do povo.

#### Características inovadoras da instituição

A estrutura da nova irmandade também foi uma novidade: cem membros, metade da nobreza e metade do povo, a trabalhar lado a lado. Assim, a caridade cristã não devia fazer distin-

ção de classes. A Misericórdia de Lisboa foi pensada para socorrer os doentes, alimentar os famintos, amparar os presos, vestir os nus, proteger os órfãos e dar sepultura digna aos mortos. Para D. Leonor, a ajuda ao próximo não devia depender da sorte, mas sim estar estruturada.

#### Porque foi tão relevante?

O exemplo de Lisboa espalhou-se rapidamente. Em poucos anos, surgiram Misericórdias por todo o território português e nas colónias portuguesas da época, como o Brasil. Estas irmandades tiveram um papel fundamental nas comunidades, gerindo hospitais, albergues e serviços de apoio aos mais necessitados. O impacto foi tal que ainda hoje, passados mais de 500 anos, continuam atuais e a fazer um enorme trabalho de ajuda.

#### Legado

D. Leonor faleceu em 1525, mas a sua marca na história portuguesa permanece viva. Para além da Misericórdia de Lisboa, fundou também o Hospital Termal das Caldas da Rainha, considerado o mais antigo do mundo ainda em funcionamento. O seu nome está para sempre ligado às Santas Casas da Misericórdia, que hoje existem em quase todas as cidades e vilas do país. Um legado que continua a inspirar gerações.

Para saber mais:

Porque não visitar a Santa Casa da Misericórdia da vossa localidade e descobrir como funciona hoje?

A história de D. Leonor pode estar mais perto do que imaginam.

***Maria Carolina, Maria Francisca e Xia***

## Rainha D. Leonor

Há quinhentos anos, no tempo antigo,  
Viveu uma rainha com muito abrigo.  
Chamava-se Leonor, de coração real,  
Que fez tanto bem por Portugal.

Era bondosa, justa e sensata,  
Gostava de ajudar — e não era ingrata.  
Fundou hospitais e, com devoção,  
Nasceu a Misericórdia da sua mão.

Cuidava dos pobres, dos doentes também,  
Partilhava o pouco que tinha com quem não tem.  
Rainha valente, mulher de valor,  
Ficou na história com muito amor.

Hoje lembramos, com muita alegria e cor,  
A grande Rainha D. Leonor!

**António Sousa**

## Rainha do coração e da alma

Entre o ouro e o silêncio da corte,  
Ergue-se um coração que vê além.  
D. Leonor, rainha sem medo da dor,  
Mãe dos pobres, farol de bem.

No brilho da fé sem vaidade,  
plantou sementes de amor e verdade.  
Fez da coroa um gesto terno,  
um trono de alma eterno.

**Júlia Santos**



## A Nossa Horta Biológica Ganha Vida!

No dia 3 de novembro, os alunos do clube de Ciências, CCv-nEE, participaram com grande entusiasmo na plantação e sementeira da horta biológica, uma iniciativa realizada em parceria com a Agrobio.

Antes deste momento especial, a terra foi estrumada e mobilizada, ficando pronta para receber as novas plantas e sementes. O resultado? Cinco lindos canteiros que prometem dar origem a uma horta cheia de vida, cor e sabor!

Durante a atividade, os alunos aprenderam a preparar o solo, e a reconhecer a importância da agricultura biológica para o ambiente e para a nossa alimentação. Também conheceram melhor as sementes e as plantas que irão crescer, percebendo como cada uma tem necessidades diferentes e um papel essencial no equilíbrio da horta.

Esta experiência prática permitiu ainda desenvolver o trabalho em equipa, o espírito de entreajuda e o gosto pelo con-

tacto com a terra. Agora, todos aguardam com curiosidade e cuidado o crescimento das plantas, comprometendo-se a observar, regar e cuidar da horta ao longo dos próximos meses.

A nossa horta biológica é um espaço de aprendizagem viva, onde cada aluno deixa a sua marca verde no futuro do planeta!

*A equipa do Clube Ciência Viva na  
Escola Eugénio dos Santos*



## A chefe de todas elas

E... voltei a desfazer-me, aqui e ali. Olá, eu sou uma nuvem, mas é impossível ser-se só uma nuvem, nós estamos sempre a desfazermo-nos e a voltar a fazermo-nos. Mas eu sou a mais importante, sou a essência das nuvens, sou a chefe de todas elas.

Eu estou em todo o lado, nas casas das pessoas, mesmo que não me vejam, nos quadros dos pintores mais famosos da história, no céu para todos me verem. Todos os dias acordo e digo:

- Olá Sol! Hoje não vai chover, podes brilhar.
- Olá, nuvem! Folgo em saber, obrigada. - responde ele todo contente e inchado.

Se achavam que o Sol é que mandava no tempo, estão enganados. Sou eu! É uma tarefa bastante engraçada, poder escolher se vos quero ver a vocês humanos alegres e contentes, ou tristes e carrancudos sempre a queixarem-se da chuva e do mau tempo. É bastante simples, depende do meu humor, se

tiver tido de fazer turno da noite na noite anterior, então meus amigos, não estou de bom humor. Mas não se preocupem, eu adoro o meu trabalho, não pretendo reformar-me nem hoje nem nunca. Também o que seria de vocês sem nuvens, nem chuva. Tiro umas férias nuns dias "menos apropriados" porque é preciso chuva e ficam logo todos afetados a queixarem-se da seca. Vocês é que nos afastam, são vocês que andam a poluir o planeta, não sou eu. Parecem estúpidos, como se não soubessem o que estão a fazer. Só se sabem queixar e queixar. Mas tentar mudar não, porque isso já não fazem.

Mas pronto já chega de falar do que vocês fazem ou deixam de fazer. No final vocês é que sofrem. Com esta conversa toda fiquei de mau humor, acho que afinal sempre vai chover.

***Maria Inês Vieira***

## Quando se faz silêncio na sala de aula ... está vazia, mas cheia de nós!!!

As cadeiras estão alinhadas no seu lugar.  
Os quadros estão impecavelmente limpos.  
Os risos, os segredos e o silêncio ainda sussurram nas paredes.

A sala está vazia... mas não está deserta. Aguarda por novos começos.

Ficaram aqui os passos de quem cresceu,  
os olhares cúmplices de quem aprendeu lado a lado,  
e as palavras de quem orientou com o coração.  
Ficaram as histórias que não cabem num só livro,  
mas que vivem em cada um de nós.

Agora seguimos outros caminhos,  
com mochilas recheadas de memórias, de valores e de sonhos por cumprir.

A sala, essa, vai ficar para trás  
e dar lugar a novos “viajantes”.

Mas o que vivemos aqui,  
vai connosco — onde quer que a vida nos leve...

Obrigado(a) **P**rofessora **C**onceição **G**anhão.

Por tudo. Por tanto.

Até sempre.

Os alunos do 9º C 2024/25

Escola Básica Eugénio dos Santos

## O papel da ACNUR



Este mês tivemos a visita de uma técnica do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que nos explicou o papel da sua agência em situações de emergência - cenários de catástrofes naturais e campos de refugiados. Relembrou

-nos os conceitos de emigrantes, migrantes e refugiados, que por vezes podem ser confundidos. Alertou-nos para o facto de, quando em situações de emergência, todas as horas contam e que é muito importante que a ajuda seja rápida e eficaz, uma vez que a maior parte das vidas salvas e resgates são feitos nas primeiras 72 horas. O que mais me marcou foi quando se falou em campos de refugiados que, embora devessem ser estruturas temporárias, tornam-se abrigo destas pessoas por demasiado tempo, em média 17 anos. Esta sessão foi importante pois fez-nos refletir sobre situações extremas, que nos parecem tão distantes, mas na realidade não o são. As atividades da ACNUR são, na sua maioria, cerca de 90%, financiadas por doações. Todos podemos ajudar.

**Alice Rosa**

## Francês em Imagem: Quando uma imagem Vale Mais do que Mil Palavras

No início deste ano letivo, os alunos do 7.º e 8.º anos embarcaram numa viagem criativa pela vasta paisagem da francofonia. No âmbito da disciplina de Francês, foi-lhes proposto um desafio simples na forma, mas profundo no conteúdo: criar um pequeno cartaz identificativo com o seu nome e alguns elementos da cultura francófona que, para eles, representassem “o francês” — em França e no mundo.

O resultado? Uma galeria vibrante de imagens, cores e símbolos que revelam como os nossos jovens aprendentes veem, imaginam e interpretam a língua francesa.

Entre os elementos mais escolhidos surgiram os clássicos incontornáveis: a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, a Pirâmide do Louvre e a omnipresente bandeira francesa, em azul, branco e vermelho. Da gastronomia, vieram os inevitáveis croissants, baguettes, queijos, vinhos, champagne e os coloridos macarons, que tantos alunos ligam imediatamente ao “sabor” da França.

Mas houve também espaço para outras manifestações cultu-

rais: o cinema e os seus grandes nomes, a pintura e as suas paletas icónicas, o eterno sorriso da Mona Lisa, a elegância da moda parisiense, o espírito desportivo do Paris Saint-Germain, o emblemático galo e até referências contemporâneas como Ladybug ou jogadores admirados, como João Neves, que mos-



(Continua na página 15)



(Continuação da página 14)

tram como a cultura francófona dialoga com o universo juvenil.

Ao reunir estes símbolos, cada aluno organizou e refletiu sobre as suas próprias representações da língua francesa — uma língua que, apesar de profundamente ligada a França, se estende muito para além das suas fronteiras, vivendo e reinventando-se nos vários continentes e nos mais de 50 países que a usam como língua oficial.

Mais do que simples cartazes, estas produções tornaram-se pequenas janelas para o imaginário dos nossos alunos: como veem o francês? O que associam imediatamente à francofonia? Que símbolos os ajudam a compreender melhor a língua que começam agora a explorar?

A atividade permitiu abrir espaço à reflexão, ao diálogo e à partilha de ideias — e mostrou que aprender uma língua estrangeira é também descobrir culturas, construir pontes e, claro, deixar-se inspirar.



## Paroles aux élèves

### 9e année

Salut à tous!

Moi, c'est Alice.

J'ai quatorze ans, et je suis en troisième.

Plus tard, je veux devenir pilote, parce que j'aime les avions.

Pour devenir pilote, après la troisième je vais faire un bac scientifique au lycée RDL.

Un bon professionnel doit être intelligent et calme parce que devenir pilote d'avion est très difficile et stressant.

Au revoir.

Salut à tous!

Moi, c'est Gabriel.

J'ai quatorze ans, et je suis en troisième.

Plus tard, je deviendrai astronaute, parce que j'aime l'espace.

Pour devenir astronaute, après la troisième je ferai un bac scientifique.

Un bon professionnel doit être curieux pour découvrir de nouvelles planètes.

Au revoir.

Salut à tous!

Moi, c'est João.

J'ai quatorze ans, et je suis en troisième.

Plus tard, je serai agriculteur, parce que j'adore les fruits et les légumes.

Pour devenir agriculteur, après la troisième je vais faire un bac professionnel.

Un bon professionnel doit être sensible, actif, sérieux et vigilant comme les agriculteurs.

Au revoir.

### 8e année

Salut Adam!

Je m'appelle André.

J'ai treize ans.

J'habite à Lisbonne.

Moi, je fais du vélo. Je kiffe faire du vélo, parce que j'aime la nature et le vélo.

Je fais du vélo avec ma mère et mon frère.

Ma passion, c'est le foot, parce que j'aime jouer au foot avec mes amis. C'est très cool.

À bientôt!

Salut Adam!

Je suis Afonso.

J'ai treize ans.

J'habite à Lisbonne.

Moi, j'aime lire et tous les sports qui ont un ballon. Je fais du sport, le mardi, le mercredi, le vendredi et le samedi.

Ma passion, c'est le handball. Je le pratique avec mon équipe. Pour faire ce sport, j'ai besoin d'un t-shirt, d'un ballon et d'un short. Les jeux d'équipe sont plus intéressants et importants pour la santé.

À bientôt!

Salut Adam!

Je suis Afonso.

J'ai treize ans.

J'habite à Lisbonne.

Mon loisir favori c'est le foot. Je pratique les mardis et les jeudis avec mon équipe.

Ma passion, c'est le jiu jitsu, que je pratique les samedis, dimanches et lundis.

Le jiu jitsu c'est ma passion parce que c'est amusant, utile pour l'autodéfense et c'est très agréable.

À bientôt!

# Edição 100—Jornal Académico

O Jornal teve três coordenadoras até à presente edição. Pedimos à Fundadora do Jornal Académico, e às duas Coordenadoras, que nos contassem um pouco da história do Jornal e dos seus objetivos. Aqui ficam as suas palavras.

Fundei o nosso Jornal com as professoras Maria Luísa Albuquerque e Maria José Guerreiro, em Dezembro de 1991.

Já era professora na nossa Escola há vários anos e tinha pena que não houvesse um jornal, feito pelos nossos alunos.

E foi assim que começou.

Hoje já vamos celebrar o número 100, o que para mim é uma grande alegria.

Ao longo destes 34 anos muitos foram os que connosco colaboraram, que contribuíram para a qualidade do Jornal Académico e que hoje são cidadãos socialmente reconhecidos.

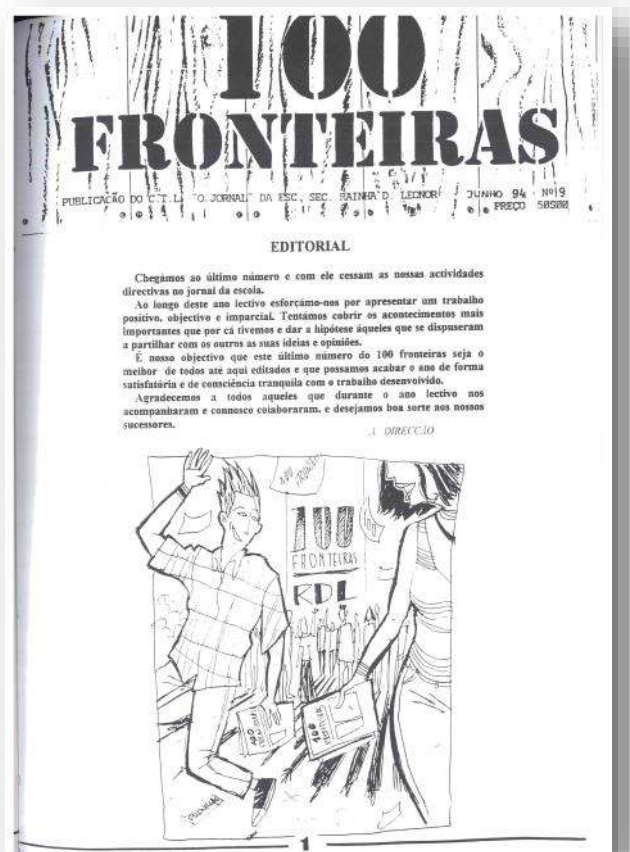
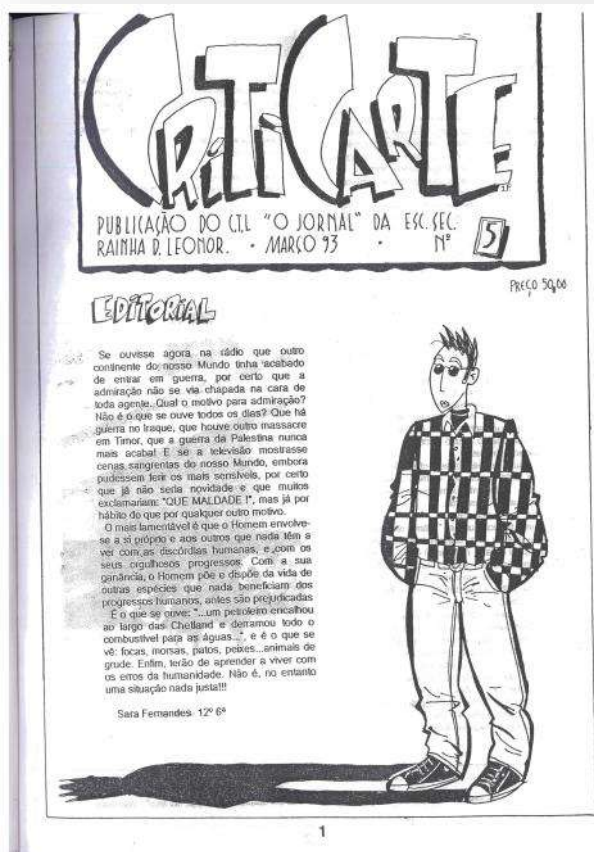
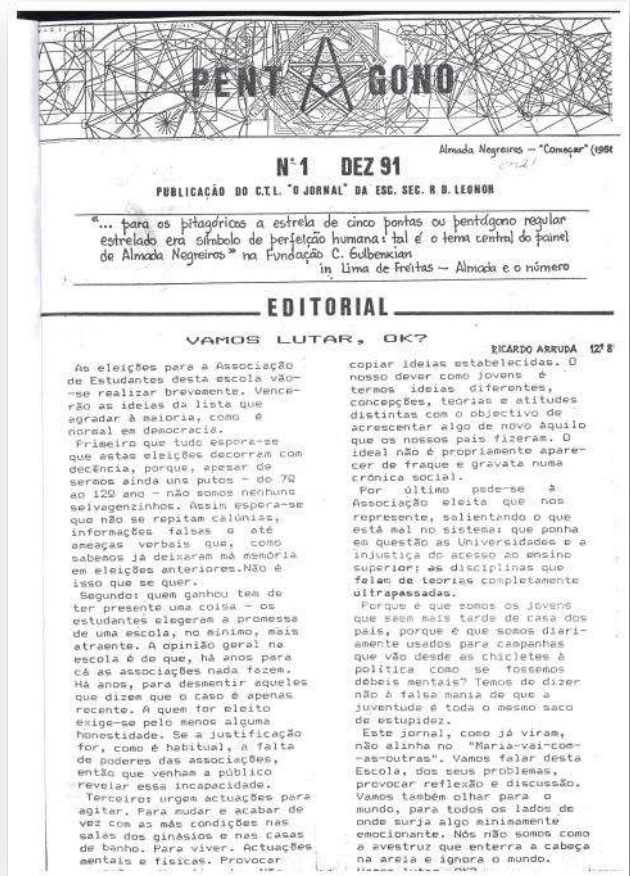
Lembro-me, por exemplo, do João Fazenda, premiado Ilustrador que durante 3 anos, enquanto foi nosso aluno, muito contribuiu para a qualidade gráfica do nosso Jornal.

Foi muito bom trabalhar com muitos alunos, vê-los entusiasmados a escrever os artigos e a vender os jornais. (começámos com uma tiragem de 2.000 exemplares).

É com muito orgulho e alegria que vejo o nosso Jornal continuar vivo e com muita qualidade, que sempre procurámos que tivesse.

**Fátima Dias**

*(Fundadora do Jornal Académico e Coordenadora de 1991 a 2008)*





## Uma parte da história

Foi no início do ano letivo de 2008/09 que me desafiaram para coordenar o Jornal Académico, a mais antiga publicação de escolas, já que as três professoras responsáveis partiam para uma nova vida, a da aposentação, e ... aceitei.

Com a Alda Gonçalves, igualmente de português, metemos mãos à obra socorrendo-nos do grande desvelo, paciência, imaginação e criatividade da Daniela Frade e da Sarah Serra, da informática, que davam corpo ao jornal.

Desde logo nos propusemos dar continuidade ao trabalho da anterior equipa, mas com o nosso cunho, e assim saiu o primeiro exemplar desta nova fase do Jornal Académico que continuou a sua numeração habitual, o nº 52.

Com a saída da escola da Alda, entraram a Lucília Cid e a Maria José Pardelhas, equipa que se manteve até à minha saída, em junho de 2016, no nº 74, com algumas alterações das informáticas, que foram alternando, tendo também colaborado a Adriana Fernandes e a Paula Pinheiro.

Para nossa grande alegria, a partir do nº 54, o jornal passou a ser impresso a cores o que lhe deu uma nova vida e mostrou na sua plenitude o talento dos trabalhos publicados na secção dedicada a “Os Nossos Artistas”.

Apesar de todas as dores de cabeça que nos davam fazer três edições por ano, apesar dos mails, dos recados, das pressões que exercíamos sobre os nossos colegas e alunos que nem sempre cumpriam prazos de entrega de trabalhos ou se esqueciam mesmo de os enviar (passaram-se grandes apertos na redação!), foi Muito Bom não ter deixado morrer este projeto e tê-lo entregue às responsáveis que me sucederam com uma saúde de ferro.

Por isso, é com enorme prazer que, a pedido do atual corpo editorial, fiz esta breve história das 23 edições que ajudei a concretizar.

Dizia o meu 1º Editorial, no Natal de 2008:

“O Académico tem novas colaboradoras. (...) Mudámos algumas “coisitas”, demos-lhe uma cara diferente, mas o espaço continua a ser de todos. (...) Nesta quadra tão especial, desejamos que o brilho e as luzes também iluminem os vossos corações para que tenham um Natal verdadeiramente em paz.”

Quanto ao último, já cheio da nostalgia da partida, 41 anos depois da chegada,

- agradei com admiração “a esses alunos que nos fazem rir ou chorar, que nos dão as suas opiniões, que nos fazem refletir ou que são premiados pela sua excelência, a esses professores, nossos colegas, que ajudam esses jovens a crescer e a pensar e a exprimir-se quer por palavras, quer artística, quer desportivamente” e “a todos os que gostam de ler o nosso Jor-

naleco e, assim, tomam consciência do melhor que se faz na nossa Escola.”

- deixei “a certeza de que todos demos o nosso melhor ajudando a fazer crescer muita miudagem, lançando para fora de portas outra tanta da qual já sentimos a falta e que cumprimos para lá do nosso dever.”

- e, baseada em Camões que “disse a D. Sebastião, na Dedicatória, E julgareis qual é mais excelente / Se ser do mundo Rei, se de tal gente (canto I, est. 10 vs 7 e 8)

vos desafio (ainda hoje, como há 10 anos) “a achar que nada é melhor do que ser Professor, nesta Escola, e destes Alunos!”

Para finalizar, muitos parabéns à centésima edição do Académico e que continue a ser o mais antigo e excelente jornal escolar porque nunca se vão esgotar os Professores que queiram dar continuidade a este projeto.

**Ana Maria Jacinto**

**(Coordenadora do Jornal Académico de 2008 a 2016)**



### Editorial

Coube-me, desta vez, escrever o editorial, mas não foi fácil - as ideias surgiam em catadupa, mas as palavras “a modos que” se entrelaçavam umas nas outras e eram incapazes de formar frases dignas.

Neste espaço, que só me aparecia como uma enigmática folha em branco, já se falara de tudo e muito em particular de tempo. Já foi tempo de Carnaval, de Páscoa e de férias, já foi tempo de cerejas, já foi tempo de mudança, já foi tempo de pensar nos outros... Nos outros que podemos ser nós e, por isso, vai ser tempo de “mãos cheias” e de, finalmente, sermos apresentados com “campanhas eleitorais” a sério que não produziram, para já, promessas vãs. Vai, ainda ser tempo de Natal, embora fora de tempo, e vai ser tempo de escolhas que levaram a experiências e vivências inolvidáveis. Vai ser tempo de confirmar a excelência dos contadores de histórias, dos críticos, dos artistas... e vai ser tempo de continuar a acarinhar tudo o que de bom por aqui se faz, na nossa Escola.

E... neste tempo todo, para mim, vai ser tempo de saltar da 1ª para a 2ª vida ativa. Vai ser tempo de saborear alguma liberdade esquecida, de aprender a viver sem toques, sem a algazarra dos corredores, sem o stress das aulas para preparar e dos testes para fazer e corrigir, sem a animação da sala de professores ou sem a tagarelice das “cenas”.

Quarenta e um anos é tanto tempo, que não tenho memória do tempo sem escola, porque esse tempo se pegou ao outro, àquele em que eu estava do outro lado, na carteira, e não na secretária.

Mas ainda tenho tempo para vos dizer, queridas amigas e companheiras de jornal, Lucília, Maria José e Sarah, que adorei este tempo todo, pelos nervosismos, pelas ideias geniais, pelas preocupações, pela falta de tempo, quando o tempo se escoava sem misericórdia, pelas gargalhadas bem dispostas, pela entreada permanente, pelo carinho, pela compreensão, em suma, pela AMIZADE que tão bem sabemos criar e desenvolver.

É tempo de ser tempo para outras aventuras, para encher as mãos de outras vidas, mas prometo-vos não abandonar esta caravela, enquanto acharem que ainda posso içar uma vela que seja.

Bem hajam!

**Ana Maria Jacinto**

### Uma Mão Cheia de Coragem e Esperança



Os nossos alunos aprenderam mais sobre as crianças refugiadas em Portugal.

### Nesta edição:

“Tem a Palavra” - Margarida Alpalhão	2
Momentos Reais	3 a 9
Uma Mão Cheia	10 a 12
CREM	13
Associação de Estudantes	14 e 15
Para, Lê e Pensa	16 e 17
Cada Cabeça Sua Sentença	18
Natal	19
Contadores de Estórias	20 e 21
Vivências e Experiências	22 e 23
Os Nossos Artistas	24 e 25
Os Nossos Críticos	26 e 27
Palavras Escolhidas	28

O Prémio Literário foi atribuído ao texto Saudade, escrito por Ana Nunes, 8º 3ª

**“E, pera dizer tudo, temo e creio / Que qualquer longo tempo curto seja (...)”**

**Luís de Camões, Os Lusíadas , canto III**

Chegados ao nº 100 (por força das circunstâncias só cheguei ao noventa e nove – o que, por acaso, coincidiu também com o fim de um ciclo da minha vida profissional), aqui estamos nós para festejar um projeto da nossa Escola/Agrupamento, (por ordem!) que terminou um ciclo da sua vida (comigo!) e inicia outro com outra equipa que saberá, na continuidade, certamente, dar-lhe o seu cunho pessoal e atualizado.

Abracéi este projeto no ano letivo de 2009-2010, ano em que cheguei à Escola e, convidada pela Professora Esmeralda (adivinhou que até tinha jeito para a coisa, modéstia à parte!), aceitei com alegria. Integrei, então, a equipa de que já faziam parte a Ana Jacinto e a Maria José Pardelhas (coordenadoras residentes por muitos bons anos). E a equipa foi sempre alargada a colegas como a Sarah Serra que permanece até aos dias de hoje (cá para nós que ninguém nos ouve, ela fez de propósito para festejar o número 100!) a Daniela Frade, a Paula Pinheiro e a Adriana Fernandes (que também se mantém, claro, na sombra, porque ela não tem feitio para ser o centro das atenções, mas está sempre a postos para preciosa colaboração que tem dado e continuará a dar a este Jornal).

Entreguei-me de corpo e alma ao projeto (usando lugares comuns, como é da praxe quando não somos poetas!) e nunca, nunca me arrependi! Desesperamos, muitas vezes, por notícias, por histórias, por reportagens, etc., tudo o que era preci-

so para preencher as páginas em branco, mas nunca desistimos (desistir é próprio dos fracos (às vezes) e nós somos resilientes!), corríamos atrás e “voilà!”, o vazio era ocupado, mesmo que amiúde tivéssemos que cortar as asas a alguns escritos menos felizes que não correspondiam a uma linha editorial que se desejava minimamente inócua a alguma pretensa catequização.

Em 2015, despedimo-nos da Ana Jacinto (a quem, para além do mais, devemos todas as vírgulas bem postas e eu, pessoalmente, devo a consciência do pretérito perfeito com acento que eu, como transmontana legítima, não usava, e tinha razão, o acordo ortográfico veio a torná-lo facultativo). A Ana Veríssimo ocupou silenciosamente o seu lugar (também, como a Adriana, não fazia questão das luzes da ribalta a incidirem sobre si, mas esteve lá sempre). Mais tarde, a Zé Pardelhas também foi para outras paragens e somamos as “Ideias em cadeia” da Fátima Magalhães que, ultimamente, em algumas páginas do nosso Jornal, deu voz a alunos de excelência que passaram pela nossa Escola.

Muito mais haveria para dizer, mas o tempo urge e é preciso renovar! Deixemo-nos de passados, “*porque o presente é todo o passado e todo o futuro*” – diz Álvaro de Campos.

Muitos parabéns ao Jornal Académico que completa 100 edições e, com certeza, perdurará para além da Inteligência Artificial.

**Lucília Cid**

**(Coordenadora do Jornal Académico de 2016 a 2025)**







## Rodrigo Sampaio Garrido, vencedor do Prémio António Vieira - 25 novembro 2025

Tamanho  
XL

Felicidades ao aluno Rodrigo Sampaio Garrido, vencedor do Prémio António Vieira, atribuído pela Academia de Ciências de Lisboa, na sua 12ª edição, ao melhor aluno de Português do Ensino Secundário.

O Rodrigo, aluno do AERDL desde o segundo ciclo, terminou o ensino secundário, no ano letivo 2024/25, com média final de 19,8 valores.

### Palavras com conta, peso e medida

As palavras fascinam-me. São uma forma muito orgânica, espontânea, natural de exercermos a nossa liberdade. O nosso domínio da língua torna-nos cidadãos incrivelmente mais livres, capazes de expressar desejos, opiniões e sentimentos, mitigando a exasperante claustrofobia que as limitações linguísticas provocam. De facto, a disciplina de Português foi o exercício da minha liberdade na escola: o espaço e o tempo miraculosamente reservados na minha agenda semanal para contrariar a opinião pessimista e universal de que todas as aulas são uma lúgubre pasmaceira. Eu gostava genuinamente das aulas de Português, porque sabia que poderia expressar plenamente a minha essência: interpretar obras literárias à luz de quem sou, escrever ensaios com base no que penso e falar longamente sem que ninguém me repreendesse - algo curiosamente invulgar numa sala de aula.

Porém, o meu fascínio pela disciplina de Português prende-se com uma profunda preocupação, mais do que com um simples prazer. Atualmente, a sociedade tende a desvalorizar o peso das palavras, usando-as frequentemente de modo irrefletido ou abusivo. O modo gratuito e volátil como verbalizamos que adoramos ou odiamos alguém tem repercussões óbvias no nosso quotidiano, desaguando numa superficialidade emocional e intelectual que se tem vindo a apossar da Humanidade: uma Humanidade que se deleita com o espetáculo das redes sociais, que encara eleições como concursos de popularidade e que banaliza catástrofes humanitárias e diplomáticas atrozidades. No fundo, uma humanidade que, como dizia o Papa Francisco, tem sido parte-agente da “globalização da indiferença”. A disciplina de Português é a minha disciplina predileta porque sinto incessantemente a responsabilidade de contrariar a crescente desvalorização do peso das palavras, de promover uma consciencialização no âmbito da importância de refle-

tirmos quando falamos, escrevemos e escutamos. O meu passado nesta disciplina ensinou-me que posso fazer a diferença com cada texto, cada apresentação, cada palavra. Nada é tão poderoso como uma palavra.

Sou um bom aluno desde que me lembro. Todavia, o meu rendimento académico sempre resultou de um intenso, quase obsessivo, trabalho prévio. Nunca tive anticorpos em relação ao estudo, pois sempre ouvi dos meus pais que aprender era uma oportunidade inigualável. Português foi, contudo, a única disciplina que nunca me exigiu minuciosas explicações ou “pestanas queimadas”. Por alguma razão, percebi cedo que o conteúdo das aulas era rapidamente absorvido pela minha mente, ávida de mais informação. Se, por um lado, me considero um jovem das ciências e tecnologias, por outro, tenho a plena consciência de que é a disciplina que melhor se adequa a mim, e que, por isso, não abandonarei. Ao longo do primeiro ciclo, a disciplina foi-me introduzida com um texto no qual surgia um adjetivo que se assemelhava ao meu apelido, presente em “cores garridas”. Esse momento marcou-me: como poderia uma língua ser tão versátil, tão profusa e tão humana que me enviava uma mensagem, um sinal, na primeira interação que eu tinha com a sua forma mais bela, a forma escrita? Tive uma certeza, porventura das primeiras que tive na vida - o Português tinha sido feito para mim. Foi com essa certeza que representei numa peça de teatro em que declamei, juntamente com os meus colegas, poemas bacocos sobre o ciclo da água, e que ouvi da voz da minha professora Ana as inquietantes aventuras d’ Os Cinco. Nos cinco anos que se seguiram, a minha insaciável curiosidade acompanhou-me no primeiro contacto com os contos queirosianos. Lembro-me distintamente da minha mãe, dominada por um júbilo incontível, ler e reler “A aia”: podia enfim partilhar o

prazer de ler Eça com quem mais amava. Aquele entusiasmo contagiava-me, e a literatura tornou-se um dos laços que nos une até aos dias de hoje.

Tomei assim, consciência de que as palavras têm uma força incomensurável. E foi com toda essa bagagem que chegava ao início de um caminho que se revelaria o mais bonito da minha vida: o ensino secundário. De um percurso na disciplina de Português extraordinariamente vasto, destaco três momentos. Um primeiro, no início do décimo ano, quando escrevi um texto que criticava o sistema de ensino tal como é hoje, apontando-lhe vícios arcaicos e lacunas pedagógicas. Surpreendida com algo que parecia ser uma afronta, a minha professora, Ana também, conversou longamente comigo acerca do que poderíamos fazer juntos para atualizarmos as estratégias de ensino, maximizando as capacidades dos alunos. No ano seguinte, recordo-me de ter escrito um discurso acerca da corrupção na política, no âmbito do estudo do “Sermão de Santo António”, de Padre António Vieira, que, a propósito da arte de usar as palavras, escreveu: “Como hão-de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação”. Esse trabalho mudou a minha vida: mostrou-me que tenho um gosto imenso em servir os outros, e que urge um enobrecimento da política, do qual espero fazer parte. Finalmente, naveguei pelas páginas de Saramago, as únicas sobre as quais nada ouvia em casa, tendo em conta a sua proximidade temporal: ler *O ensaio sobre a cegueira* ensinou-me que a linha que separa o bem do mal é muito tênue, e que a sua transgressão não depende tanto do nosso carácter como das circunstâncias em que nos encontramos. A natureza humana é efetivamente muito complexa.

É este o passado que me impele a pressionar

(Continua na página 20)

(Continuação da página 19)

o pé contra o acelerador do foguetão que me fará voar em direção ao futuro. Um futuro que passa por estudar Engenharia Aeroespacial no Instituto Superior Técnico. Porém, encarar o meu futuro baseando-me única e exclusivamente nesse desafio académico seria terrivelmente redutor. Por isso, como campeão europeu de Taekwondo, continuarei a treinar ao mais alto nível; como membro da Comissão de Honra de uma candidatura presidencial, continuarei a participar

civicamente, visando construir um país melhor. O que é que todas estas áreas têm em comum? A necessidade de se saber transmitir uma ideia. Para isso, o domínio da língua, da arte da escrita e da oratória, é imprescindível. Acredito que possa ser a valorização da sensibilidade das palavras que me destaque enquanto engenheiro, gestor, líder e atleta. Infelizmente, alguns caminhos académicos enfatizam tanto a importância dos números que se esquecem da componente humanista. Ora, essa é a única que, com a emergência da Inteli-

gência Artificial, nos vai valer, pois é a única insubstituível. E começa nas palavras. Começamos então a escutar com intenção, falar com ponderação e pensar com profundidade: não sejamos superficiais, nem nos deixemos levar pelo frenesim do quotidiano. Todos sabemos que nós, jovens, somos o futuro. Não nos esqueçamos de que somos também o presente. Façamos a diferença. Porque não começarmos por usar as palavras com conta, peso e medida?

**Rodrigo Garrido**

## Quando grandes poetas estudados inspiram jovens poetas

### Trovadores dos tempos modernos



Ai amiga, o que vou fazer?  
Mandeí mensagem e ele não viu.  
Ai que dor ele não me liga!

Ai amiga, o que faço agora?  
Mandeí mensagem e ele não respondeu.  
Ai que dor ele não me liga!

Mandeí mensagem e ele não viu!  
E ele não comenta os meus stories.  
Ai que dor ele não me liga!

Mandeí mensagem e ele não respondeu.  
E ele não reage aos meus stories.  
Ai que dor ele não me liga!

E ele não comenta os meus stories,  
mas ele diz que está solteiro.  
Ai que dor ele não me liga!

E ele não reage aos meus stories,  
mas ele diz que não namora.  
Ai que dor ele não me liga!

**Daniel Matos**

Para quem diz querer ser meu amado,  
pareces-me sempre ocupado.

Então não estarias sempre online?

Para quem diz querer ser meu amigo,  
nunca queres estar comigo.

Então não estarias sempre online?

Pareces-me sempre ocupado,  
e as promessas que me tinhas jurado?  
Então não estarias sempre online?

Nunca queres estar comigo,  
e tudo aquilo que me tinhas prometido?  
Então não estarias sempre online?

Ai mãe, meu coração anda perdido  
Por meu amigo que muda de sentido.  
Parece-me querer, mas depois vai embora.  
Mãe, diz-me o que quer ele agora!

Ai mãe, meu coração anda confuso  
Por meu amigo que nunca está igual.  
Um dia me olha, mas depois vai embora  
Mãe, diz-me o que quer ele agora!

Ai mãe, não sei mais o que pensar  
Por quem não sei se me quer acolher.  
Não sei se vai ficar ou só está a brincar.  
Mãe, diz-me o que quer ele agora!

Ai mãe, não sei mais o que sentir  
Por quem não sei se me quer perceber  
Não sei se vai ficar ou simplesmente largar.  
Mãe, diz-me o que quer ele agora!

**Carina Bota**

**Ariana Lázaro**

Irmã querida, tenho muito para vos contar  
a distância está a separar-me de quem eu quero amar.  
Como devo lidar?

Irmã querida, tenho muito para vos dizer  
a distância está a separar-me de quem eu quero ter.  
Como devo lidar?

A distância está a separar-me de quem eu quero amar.  
será que devo continuar?  
Como devo lidar?

A distância está a separar-me de quem eu quero ter.  
Será que devo manter?  
Como devo lidar?

**Inês Rodrigues**



## Destino

No entardecer da Terra,  
Os meses da chama viva apagam  
Vestígios das suas pegadas  
Na lenta maré da ardente paixão.

Escuridão, Ecuridão!  
Que te sinto tão próxima  
Perco o fôlego e perco esperança  
Nesta noite deveras preguiçosa,  
Deveras airoso em sua dança.

Deliciosamente te caem as folhas,  
Sossegadamente levas os passarinhos  
Que, abandonando os seus queridos ninhos  
Deixam saudade, deixam silenciosos caminhos.

Escuridão, Ecuridão!  
Que dás permissão a todos os que em ti repousam,  
Permissão para que as folhas,  
Cansadas de se fingirem eternas,  
Se libertem, se vão...  
Escuridão, Ecuridão!  
Que me mostraste que há beleza no que parte,  
No que desvanece, no que arde,  
Que me ensinaste o dom da aceitação  
E o silêncio mudo da verdade.

A ti confio as minhas mágoas,  
A ti peço que as aceites também.  
E que, à semelhança daquilo que melhor fazes,  
As transformes, sem pressas, em bem!

Escuridão, Ecuridão!  
Que ao ouvido me sussurras,  
Zona calma onde a vida se rende,  
Superfície que me protege do medo,  
Lugar onde o comum te faz de abrigo.



Furiosamente o vento se revolta  
E contra ele tento lutar e resistir,  
Mas já sem forças me deixo ir,  
Vendo as coisas, à superfície de mim, fugir.

Confio e abandono o medo,  
Entrego-me e fecho os olhos,  
E nesse sono adormecido,  
Caio no que não controlo, caio no desconhecido.

Luz, Luz!  
Tão tarde me apareces, tão tarde te encontro,  
Quando já quase tivera aprendido a viver na escuridão.  
Quem te teme não te conhece,  
Pois és consolo e regresso.  
Mil vezes te chamei,  
Mil vezes me pediste permissão  
E no teu silêncio encontrei direção,  
E na tua paz, enfim, pintou-se a estação.

Luz, Luz!  
Que me revelaste que há esperança no que brilha,  
Que mostraste o que a escuridão escondia:  
A chama que dentro de mim o medo calava,  
E me deste o dom da entrega que a minh'alma procurava.

Só contigo me deixo levar  
Nesse comboio que atravessa a vida,  
Nessa estrada curta onde encontrei sentido  
De viver com o coração pleno e decidido.

Se fores fim, sê-me abrigo,  
Se fores meio, sê-me caminho,  
Contigo, mesmo sozinho,  
Não sou ausência — sou destino.

**Mariana Jorge**

## Poema

O coração e a mente — dois inimigos,  
ligados por uma mesma corrente.  
Seus modos distintos de existir  
acendem em mim o querer viver.

Uma fábrica gélida — lascas de gelo  
pendem do teto, prestes a cair.  
Este é o que pensa, e comanda  
a mim e a ti.

Tremo. Meus dedos — não os sinto mais.  
Recebo um olhar que me corta. É sério,  
pensa em cada movimento, e só existe  
em ti, a razão.

Seus pensamentos escorrem pelos olhos.  
Sente — mas finge não sentir.  
Não mente — apenas prefere  
calar-se a si.



Do outro lado da fábrica está quente.  
Muito quente — um calor irracional.  
Um calor que grita e berra —  
criança febril que sente.

Sei que não é perfeito, mas também  
sei que há beleza no bruto.

A explosão das emoções é uma arte bela.  
Mesmo que o frio prevaleça, o calor  
é confortante.

No meio encontro equilíbrio — a verdadeira  
perfeição. Uma mistura igual de ambos  
que traz em mim uma grande comoção.  
E percebo — o que Pessoa disse  
não era razão, era espelho.



**Vitor Souza**

## Carta de Despedida

Dizem que o outono é uma estação, mas é na verdade uma carta que todos os anos é enviada e, com a maior das sortes, recebida. Uma carta que a Terra escreve ao tempo, pedindo-lhe autenticamente que ponha um ponto final no ímpeto ardente do verão e construa uma ponte transitória entre este e o silêncio gelado do inverno.

Ponte esta, que dá permissão para que os solos fervorosos percam parte do calor que consigo retiveram durante os meses da chama viva; que dá permissão para que os bandos de passarinhos, que até então se diziam acomodados no seu ninho, se deixem guiar pelas letras do céu, às quais vulgarmente chamamos de estrelas, lendo-as, decodificando-as, pedindo a cada uma delas autorização para seguirem viagem e, como quem aparentemente não tem hora certa para chegar ao seu destino, vão orientando-se, lentamente, através de um fio invisível que se lhes atravessa o corpo todo e que na ponta das suas asas termina bordando um poema proclamado à medida que as batem, assemelhando-se de algum modo a um cântico coordenado que os aproxima da asa que bate ao seu lado, não deixando que alguma vez se percam, que alguma vez se sintam abandonados; que dá permissão para que as folhas, cansadas de se fingir eternas, se descolem dos ramos onde se prendiam, deixando portanto deles depender e, consequentemente, autorizando a árvore a descansar do grande fardo que durante tanto tempo tivera carregado. Ponte, portanto, que permite o vagaroso despir das árvores. Estas sim, esperando por dias melhores, parecem confessar-nos, nesse exato momento, sussurrando ao ouvido dos que ainda têm ouvido para as ouvir, que a beleza também habita naquilo que parte, naquilo que desprende, naquilo que se liberta, naquilo que se deixa voar, em tudo aquilo que de nós foge, porque a nós nunca pertenceu. E é nessa aceitação que se resume a pureza e a simplicidade do outono, que ao se permitir transformar pela natureza da natureza descansa no silêncio da paz, no silêncio das poucas coisas belas que ainda habitam a Terra, aguardando para que a carta que escreveu ao inverno seja também ela recebida, podendo assim ele ser, calma e preguiçosamente, transportado para outro lugar, para um lugar onde ainda o queiram aceitar.

Talvez o outono seja, afinal, apenas isso: uma carta de despedida entregue, sossegada e deliciosamente, às memórias do tempo, que tudo acolhe, tudo guarda, tudo transforma.

**Mariana Jorge**

## O barco da ilusão ou da esperança



No cartoon de Vasco Gargalo, é possível observar um barco com as cores e o símbolo da União Europeia. Este barco encontra-se a flutuar no oceano e, no seu reflexo, na água, está retratada a silhueta de um grupo de pessoas. As pessoas retratadas no reflexo aparentam ser imigrantes e demonstram um grande esforço e uma entreaajuda para que todas consigam embarcar numa barca tão pequena.

Este cartoon é referente à realidade de muitas pessoas que abandonam os seus países, muitas vezes em condições desumanas, como é o caso deste pequeno barco ser dividido por um grupo tão grande, submetendo-se a perigos e desconforto, todavia sempre com o objetivo de encontrar melhores condições de vida.

As características do barco dão a entender que o seu destino é a Europa. As famílias que nele embarcam têm todas características em comum: o desespero por conseguir chegar, mas também a felicidade que sentem em terem acesso a novas oportunidades, sendo possível observar na imagem algumas pessoas a celebrar. Apenas a possibilidade de viver uma vida melhor é suficiente para criar esperança.

O cartoon de Vasco Gargalo tem um significado muito forte. Representa a resiliência e as dificuldades vividas por muitas pessoas, pelo simples facto de não nascerem numa zona privilegiada com as mesmas oportunidades do que os outros, tendo de ser elas a abrir estas portas através da imigração.

**Laura Pedro**



## O mundo da moda



O cartoon acima apresentado é da autoria de Vasco Gargalo.

Podemos observar uma enorme máquina de costura que está apresentada com um grande mapa do mundo desenhado nela. A coser um longo vestido está um indivíduo com roupas simples e escuras em cima da máquina. O vestido, que é vermelho e extravagante, pertence a uma mulher que está em pé também em cima da máquina de costura.

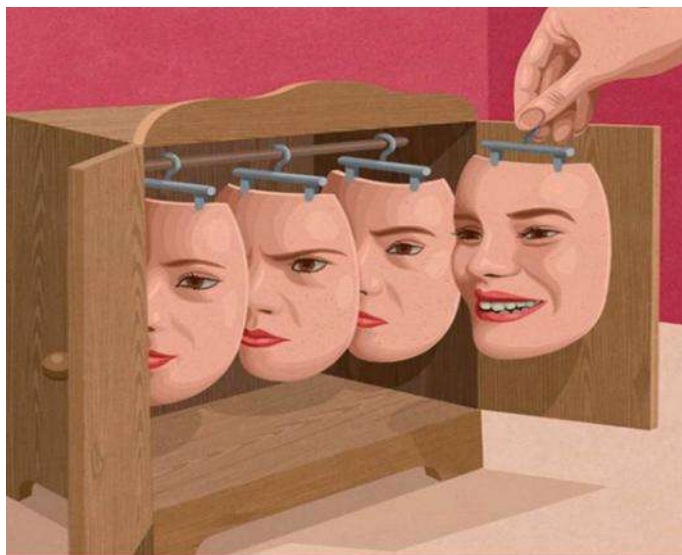
Este cartoon foi muito bem conseguido, aludindo à dura realidade do mundo da moda de hoje em dia. A máquina de costu-

ra aparece num tamanho desproporcional ao resto do cartoon, com um grande mapa do mundo. Com a globalização e a invenção da indústria têxtil, o problema da moda passou a afetar o mundo todo. Nos países menos desenvolvidos, indivíduos como o da figura têm vidas miseráveis em condições desumanas a fabricar roupas para pessoas que têm dinheiro e uma vida com possibilidades. Este apresenta-se dobrado, com ar cansado, desesperado e sem esperança de algum dia ter uma vida melhor. As suas roupas tristes, escuras e simples mostram a sua falta de condições e, apesar de fabricar roupas para os outros, nada é para si. A roupa que fabrica é para a mulher com o vestido vermelho, que está em pé, como prova da hierarquia económica e social. O seu vestido tem cor, contrastando com as roupas do trabalhador, o que sugere a diferença entre quem compra e quem fabrica.

Para concluir, este cartoon é um excelente trabalho de Vasco Gargalo. Esta amarga sátira à realidade atual do mundo da moda faz-nos realmente pensar sobre que mundo estamos a criar.

**Catarina Baptista**

## A máscara do ideal



No cartoon de John Holcroft de 14 de fevereiro de 2022, podemos observar uma espécie de armário repleto de máscaras de caras, cada uma com uma expressão facial diferente. Também está presente uma mão que está a devolver uma dessas máscaras ao armário, possivelmente para a trocar por outra.

Com este cartoon, John Holcroft utiliza as máscaras para criticar que, na sociedade atual, damos excessiva importância às aparências, ou seja, a maioria de nós esconde os seus sentimentos e expressões para viver em concordância com a socie-

dade e o que esta espera de nós. O exemplo mais evidente são as redes sociais que embora tenham como base a partilha de experiências e a aproximação das pessoas, nelas apenas expomos uma imagem positiva ou o que é mais apelativo.

Além disso, é interessante considerar que este cartoon foi publicado em 2022, num contexto pós-covid. Foi uma época em que as redes sociais eram a única forma de interagirmos com os outros, aumentando ainda mais a disparidade entre o que era real e a imagem idealizada que disponibilizamos para todos verem.

Ainda que este tema seja extremamente atual, Luís de Camões na sua obra *Os Lusíadas*, há centenas de anos, apresentava a mesma crítica à população portuguesa. Afirmava que as pessoas eram gananciosas e viviam das aparências, não atribuindo o devido valor ao que realmente era importante.

Em conclusão, John Holcroft criticou um dos temas mais presentes na atualidade, usando uma analogia criativa. Dado que este problema perpetua há séculos, resta-nos questionar se, no futuro, conseguiremos viver numa sociedade em que somos transparentes e honestos.

**Sofia Lima**

## Visita de estudo à Igreja de São Roque

No passado dia 17 de novembro, as turmas do 11.º e 11.º9 realizaram uma visita de estudo à Igreja de São Roque, em Lisboa, no âmbito da disciplina de Português e fomos acompanhados pelos professores André Machado, Ilídia Ferreira e Carla Passagem. A atividade inseriu-se no estudo do *Sermão de Santo António (aos Peixes)*, do Padre António Vieira, permitindo-nos contactar diretamente com um espaço profundamente ligado à história e à espiritualidade da Companhia de Jesus, à qual o autor pertenceu.



A visita foi guiada e começou com uma breve explicação sobre a origem da igreja e o papel dos jesuítas na vida cultural e religiosa do país. À medida que percorremos as várias capelas, fomos observando pinturas, talhas douradas e outras obras de arte que testemunham a importância do discurso religioso no século XVII. O guia fez constantes ligações entre estes elementos e a obra de Vieira, destacando, por exemplo, a forma como a simbologia presente nas capelas reflete temas abordados no Sermão, como a moralidade, o exemplo virtuoso e a crítica aos

vícios humanos.

Um dos momentos mais marcantes foi a observação da Capela de São João Baptista, cuja riqueza decorativa nos impressionou e ajudou a compreender o impacto que espaços sagrados como este poderiam ter nos fiéis da época. A explicação permitiu-nos perceber melhor a força da retórica de Vieira e a forma como a arte e a palavra se uniam para transmitir mensagens profundas.

A visita revelou-se uma experiência muito enriquecedora, não só pelo contacto com um importante monumento nacional, mas também pela possibilidade de relacionar a literatura com o património artístico e cultural. Regressámos à escola com uma visão mais completa e inspirada sobre o *Sermão de Santo António (aos Peixes)* e sobre o legado do Padre António Vieira. Sem dúvida, uma atividade que contribuiu para o nosso crescimento cultural, académico e pessoal.

**Alexandre Da Costa**

## Fomos ao Oceanário

No dia 13 de novembro, os alunos do 11.º ano do curso profissional de Informática da Escola Rainha D. Leonor, acompanhados pela professora Carla Passagem, fizeram uma visita de estudo ao Oceanário de Lisboa, no âmbito da disciplina de Português. A atividade estava ligada ao estudo do *Sermão de Santo António (aos Peixes)*, do Padre António Vieira, que temos vindo a trabalhar nas aulas.

A visita começou com um atelier dinamizado pela equipa educativa do Oceanário, onde pudemos explorar a relação entre o texto de Vieira e a importância da preservação dos oceanos nos dias de hoje. A atividade foi muito interativa e ajudou-nos a perceber melhor as metáforas do sermão e o significado das escolhas que Vieira fez ao falar dos peixes.

Depois participámos numa visita guiada pelos vários espaços do Oceanário. A guia explicou-nos características das espécies, curiosidades sobre os ecossistemas marinhos e alguns problemas ambientais que afetam os oceanos. Foi interessante relacionar aquilo que vimos com as críticas e mensagens presentes na obra estudada em sala de aula.

No final, todos concordámos que esta visita ajudou a tornar o estudo do sermão mais real e próximo de nós. Além disso, permitiu-nos refletir sobre o papel de cada um na proteção da vida marinha. Uma experiência diferente, mas muito enriquecedora, que certamente não iremos esquecer.

**Afonso Veiga**







Secundária Rainha Dona Leonor, a uma palestra, do ACNUR, que visou despertar consciências para a realidade dos refugiados.

A Agência das Nações Unidas para os Refugiados foi criada em 1950 para proteger pessoas forçadas a fugir de guerras, perseguições ou desastres humanitários.

Durante a palestra, foram explicadas as diferenças entre refugiados (fogem do seu país devido a guerras ou perseguições), imigrantes (saem por vontade própria) e deslocados internos (embora em fuga, permanecem dentro do seu próprio país).

A oradora, Beatriz Rodrigues, apresentou o trabalho do ACNUR em mais de 135 países, garantindo abrigo, nutrição, água potável, saúde, educação e apoio legal. Destacou ainda os desafios políticos e financeiros enfrentados por uma organização sem fins lucrativos, onde também é essencial manter os trabalhadores (muitos dos quais criam laços emocionais fortes com os refugiados que acompanham).

No dia vinte e sete de outubro, os alunos do 10.º 8.º assistiram, no Auditório da Escola

Foram partilhados vários dados sobre a origem e o percurso dos refugiados. A maioria provém de países em crise, como Afeganistão, Síria, Venezuela, Ucrânia e Sudão do Sul, e procura abrigo em nações vizinhas que, muitas das vezes também enfrentam dificuldades. A oradora sublinhou que muitos são obrigados a fugir sem documentos, o que os impede de viajar legalmente, levando-os a percorrer longas distâncias em condições extremamente duras.

A sessão foi bastante interativa e, no final, foi realizada uma atividade de grupo em que os alunos apresentaram histórias reais de refugiados, refletindo sobre a empatia, a solidariedade e o valor da liberdade.

A iniciativa foi bem recebida pelos alunos, que a descreveram como “muito interessante e com objetivos de consciencialização importantes para os estudantes de hoje em dia”.

No final, a mensagem ficou clara: todos podemos ajudar e fazer a diferença na vida de milhões de pessoas.

**Sara Carvalho**

## Visita à Casa do Parlamento - Centro Interpretativo

Na manhã do dia 12 de Novembro, os alunos da turma 12.º9.º visitaram, durante duas horas, a Casa do Parlamento.

Situada em frente à Assembleia da República, a Casa do Parlamento foi aberta ao público no dia 25 de Abril de 2024, para comemorar os 50 anos da Democracia em Portugal. Este projeto visa aproximar o Parlamento português dos cidadãos, a fim de promover a participação ativa da sociedade civil no processo democrático.

Este Centro Interpretativo distribui-se por quatro pisos, cada um dedicado a uma temática específica: Cidadania, Democracia, Parlamento e Memória.

O piso da entrada é dedicado ao tema da Cidadania e apresenta conteúdos digitais relacionados com os direitos e deveres de um cidadão português.

Seguimos a nossa visita para o 4.º piso, onde a exposição é dedicada ao sistema político nacional, apresentando os órgãos de soberania (Presidente da República, Assembleia da República, Governo e Tribunais). Ficámos a conhecer as suas respetivas funções, simulámos o percurso de uma lei e lemos artigos da Constituição Portuguesa.

De seguida, deslocámo-nos para o 3.º piso, destinado à Assembleia da República. Neste piso tivemos a oportunidade de interagir com conteúdos multimédia, explorando os poderes da Assembleia, dados sobre os deputados (idade, profissão, por exemplo) e a forma como foram eleitos.

Por fim, encaminhámo-nos para o 2.º e último piso, onde aprendemos sobre a história do edifício onde hoje funciona a Assembleia da República, sobre a história do parlamentarismo em Portugal (nomeadamente sobre os deputados que mais se destacaram) e a importância da Revolução de 25 de Abril de 1974.

No fim da nossa visita guiada à Casa do Parlamento, ouvimos canções de intervenção política e social (de autores como, por exemplo, José Afonso, José Mário Branco, Deolinda e Capicua) e tirámos selfies em momentos históricos como a implantação da República, o 25 de Abril de 1974 ou a adesão à Comunidade Económica Europeia.

A opinião geral da turma, relativamente à visita de estudo, é positiva, pois os guias souberam captar a nossa atenção e transmitir de forma interativa os conteúdos da visita.

**Maria Francisca Ferreira**



## Sessão Plenária na Assembleia da República

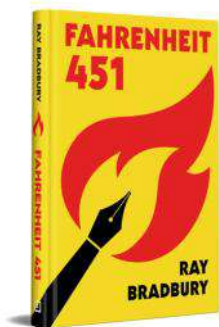
No dia 28 de Outubro, as turmas 10.º 9.ª e 12.º 9.ª, da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, e outras turmas de diversos anos e de diferentes escolas, deslocaram-se à Assembleia da República, e tiveram a oportunidade de acompanhar parte de uma Sessão Parlamentar em que se debatia o Orçamento do Estado para 2026.

Durante a Sessão Plenária, estivemos perto de várias figuras políticas importantes a nível nacional, como o Presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar -Branco, o Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, e o Ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmiento, além de vermos ao vivo os deputados dos diferentes Partidos. Como fomos de manhã, não assistimos às últimas declarações dos partidos nem à aprovação, na generalidade, do Orçamento, com votos a favor do PSD e CDS-PP, a abstenção do Partido Socialista, PAN e Juntos Pelo Povo e o voto contra de Chega, Iniciativa Liberal, Livre, PCP e Bloco de Esquerda. Seguir-se-á a apreciação na generalidade do Orçamento do Estado e, a 27 de novembro, a votação final global.

No início da sessão, todos os deputa-

### “Burn Burn Burn”

No dia 3 de novembro, os alunos da turma 10.º 8.ª da Escola Secundária Rainha Dona Leonor foram assistir, na Culturgest, à peça de teatro “Burn Burn Burn”, inspirado no clássico literário Fahrenheit 451, de Ray Bradbury.



Esta ida ao teatro revelou ser não apenas uma simples saída escolar mas um convite à reflexão sobre o mundo atual, a comunicação, ou a falta dela, e o poder do pensamento, da literatura e da arte.

A peça gira à volta de um podcast, onde duas mulheres discutem o fogo, a sua destruição de livros e bibliotecas no decurso da história humana, e um clube de leitura, onde se lê e encena o livro Fahrenheit 451.

“Burn, burn, burn” mergulha numa crítica profunda à má comunicação entre as pessoas, mostrando como a ausência de debates e diálogo é a base de muitos problemas no nosso mundo contemporâneo. Vivemos rodeados de tecnologia e informação mas raramente temos disponibilidade para verdadeiramente escutarmos o outro e é precisamente essa distância humana que a peça expõe.

A peça aborda ainda outras questões como: os livros são realmente o problema por partilharem diversas ideias? Ou somos nós, humanos, que não conseguimos debater ideias diferentes sem que haja uma “luta”? Se somos todos especiais, o mundo não acabará por ser demasiado egocêntrico?

“Já ninguém ouve.

dos presentes no Parlamento aplaudiram a nossa turma e as outras turmas que estavam a assistir, para nos saudarem e reforçarem a importância de os jovens estarem presentes naquela Sessão em que se discutia um assunto tão importante para todos os portugueses.

Ao longo da sessão, foi possível não só observarmos como se processam as intervenções dos diferentes Partidos e do Governo mas também, e infelizmente, o ambiente frequentemente impróprio vivido num órgão de soberania devido ao comportamento desrespeitoso de alguns deputados. A visita também apresentou outros aspetos negativos pois a visibilidade a partir da galeria não era ideal, sendo difícil observar com clareza todo o Parlamento (apenas se conseguindo ver o centro e a ala direita) e o som nem sempre chegava nítido, o que dificultou a compreensão de algumas intervenções durante a Sessão.

Concluindo, esta experiência na Assembleia da República foi maioritariamente positiva, pois aprendemos muito sobre o debate político e a forma como se desenrola no Parlamento.

**Gonçalo Benoliel**

Não posso falar com as paredes porque estão a gritar comigo. Não posso falar com a minha mulher; ela ouve as paredes. Só queria que alguém me escutasse.”

“Não podemos ficar sozinhos. Precisamos ser incomodados de verdade de vez em quando. Há quanto tempo não se sente realmente incomodado? Com algo importante, com algo real?”

(Ray Bradbury, Fahrenheit 451)

A encenação contém também um equilíbrio entre as ideias políticas e filosóficas que são abordadas e momentos de leveza e humor, nunca saindo totalmente da história em si, criando um espetáculo divertido e interessante para várias idades. O público é levado a pensar e a sentir sem nunca perder o prazer de estar imerso na história narrada.

Entre as ideias mais fortes do espetáculo está a noção de que o livro é uma “arma”, não no sentido da destruição, mas da libertação. Ele expõe a ideia que “Quem lê, pensa, e quem pensa é livre.” Por isso mesmo, aqueles que não leem acabam por tornar-se iguais, num nível de mediocridade, indiferença, incapazes de questionar, de imaginar e de ter sonhos.

Os livros trazem ideias que nos levam a debater e, por consequência, mudanças. Numa sociedade como a que vemos na peça, que procura a unanimidade, o pensamento torna-se perigoso.

“Um livro é uma arma carregada na casa ao lado. Queima-o. Tira-lhe o tiro da arma.” (Fahrenheit 451)

*(Continua na página 27)*



(Continuação da página 26)

O símbolo do fogo atravessa toda a peça com a ideia que “o fogo é a chama que consome”, destrói as ideias que são “inimigas” às ideias da sociedade. Mas, por outro lado, o fogo pode purificar e levar algo a renascer “melhor”. Na peça é utilizada a metáfora da Fénix, o ser que renasce das cinzas, para transmitir a ideia de esperança mesmo num mundo que parece arder em apatia e desinformação, “o ser humano pode sempre reinventar-se e renascer”.

Mas é mesmo preciso renascer para termos uma sociedade agradável? É mesmo preciso destruir o que não afetaria a sociedade de forma negativa e, se sim, quais os critérios para essa destruição? Quem cria a ideia, expondo-a de forma positiva ou negativa, ou então quem lê e leva a ideia para o mundo real acreditando firmemente nela?

“Há muito tempo, existia um pássaro tolo chamado Fénix. A cada poucos séculos construía uma pira e queimava-se nela. E,

depois, renascia das cinzas. Parece que nós, humanos, fazemos o mesmo, vezes sem conta.

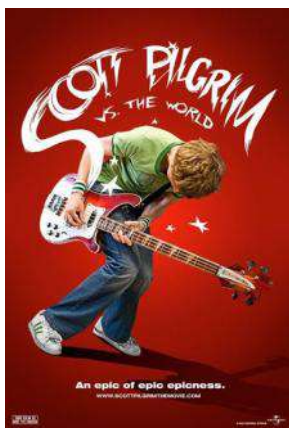
A diferença é que a Fénix não sabia o que fazia... e nós, ao menos, sabemos.” (Fahrenheit 451)

A peça termina com uma nota de esperança, lembrando-nos que a mais antiga das artes humanas é usar a mente. No universo do livro, onde estes são proibidos, surge um grupo de resistentes que, clandestinamente, os decora, acabando por se transformarem em “livros vivos”. Esta ideia é retomada com grande força simbólica no teatro pois enquanto houver memória e pensamento crítico haverá um futuro.

A ida ao teatro foi, assim, um momento de aprendizagem e introspeção, que incendiou o nosso pensamento.

**Sara Fonseca Carvalho,**

## Scott Pilgrim contra a crítica



### Sinopse

Um jovem de 23 anos, Scott Pilgrim, namora com Knives, uma adolescente de 17 anos, mas quaisquer sentimentos que ele tinha por ela vão por água abaixo, quando conhece Ramona Flowers, a mulher dos seus sonhos. No entanto, para poder namorar com Ramona, Scott terá de derrotar os seus sete ex-namorados maléficos que se uniram para controlar a vida amorosa dela.

### A minha crítica

Lançado em 2010 e realizado por Edgar Wright, Scott Pilgrim Contra o Mundo deve ser um dos filmes mais visualmente estimulantes do século XXI. As cenas são muito bem filmadas, usam CGI de forma suave o que faz com que as cenas se assemilem mais à realidade e criam um mundo de videojogos perfeito. É algo completamente hipnotizante. Mas, se o filme tivesse sido realizado por um cineasta menos talentoso, uma história com um protagonista masculino tão desprezível seria profundamente insuportável.

Sejamos honestos, Scott Pilgrim é o contrário de um herói. Ele é preguiçoso, egoísta e um cobarde. Ele não faz nada para fazer a história avançar. As outras personagens, pelo contrário, tentam fazer com que o enredo prossiga, servem, muitas vezes, de bússola moral para o Scott e tentam com que ele tome decisões maduras, mas isso nem sempre resulta.

Um exemplo desses momentos seria a relação de Scott com a Knives no início do filme. O namoro dos dois é um completo cliché, se é

isso que se possa chamar aquela relação. Uma adolescente chinesa que usa uniforme na sua escola católica a namorar com um homem mais velho? Uau!

Outro exemplo seria a personagem, Ramona Flowers. Ela é representada como a típica ‘manic pixie dream girl’, ou seja, uma personagem feminina retratada como misteriosa e atraente cujo único objetivo na narrativa é simplesmente despertar algum tipo de característica positiva no protagonista masculino para que este se torne numa pessoa melhor. Por outras palavras, todos os rapazes que andam à procura da sua “Ramona Flowers” estão, na verdade, à procura de um conceito, alguém que não existe, pois ninguém o pode tornar numa pessoa melhor. Isso é algo que tem de vir dele próprio e não de uma mulher que ele acha ser a resolução de todos os seus problemas.

No entanto, é um filme de comédia, e são estas coisas que o tornam tão inacreditavelmente engraçado e agradável. Apesar do filme ter todas estas peculiaridades, tem autoconsciência. Toda a inverosimilhança do filme é intencional e é isso que acredito que muitas pessoas têm dificuldade em entender. Existem tantas críticas que dizem que o filme é completamente “exagerado” e “sobrestimado”, mas criou uma forma artística de cinematografia completamente diferente. Eu, por exemplo, nunca tinha antes visto um filme que fosse feito com a intenção de criar um mundo de BD e videojogo, e que com isso conseguisse encontrar o equilíbrio entre ser demasiado ou não ser o suficiente.

Para mim, o filme é incrível, quase perfeito. Então, a minha classificação final é de 4.5 estrelas. Caso queiram ver mais das minhas críticas a filmes/séries, sigam-me no letterboxd: @madal3na

**Madalena Teixeira**

## 1. Introdução.

Dia 30 de outubro, no cinema São Jorge, foram exibidas várias curtas-metragens no âmbito do festival de cinema "Olhares do Mediterrâneo". A curta que considero mais interessante para desenvolver, é a "Chikha" de Ayoub Layossifi e Zahoua Rají. O idioma deste pequeno filme é o dialeto marroquino árabe, a localização do enredo é a cidade de Azemmour em Marrocos.

## 2. Enredo

"Chikha" centra-se na Fatine, uma adolescente de 17 anos que vive com a família, as tias e a mãe são chikhates, ou seja, cantoras e dançarinas tradicionais marroquinas da música e dança popular "aïta".

Após ter concluído os exames de "baccalauréat", Fatine enfrenta uma escolha difícil - seguir o legado artístico da família ou seguir uma vida mais convencional, orientada pela relação com Youssef, que desaprova do património familiar dela e pretende que ela se torne uma dona de casa e viva às custas dele -.

Youssef, namorado de Fatine, era um rapaz que provinha de uma família rica com valores muito diferentes da família da namorada. Ele tinha uma forma de pensar e agir bastante tradicional, que por vezes se traduzia em atitudes controladoras, como por exemplo o ato de não deixar Fatine estar de fato de banho na praia.

Felizmente, a Fatine acaba por escolher continuar o legado familiar e terminar a sua relação. Esta atitude foi importante para mostrar que não é aceitável desistir de sonhos por uma relação da adolescência.

## 3. Realização

O filme foi realizado com base em investigação. Zahoua Raji fez entrevistas a chikhas, estudou o assunto em profundidade antes de desenvolver o guião.

## 4. Prémios

Recebeu reconhecimento pelo trabalho de realização: os dois realizadores foram premiados no Arab Film Festival Rotterdam na categoria de "Best Director".

## 5. Importância

A curta-metragem é importante porque mostra e valoriza a cultura marroquina (as chikhates e a aïta). Valoriza maioritariamente as práticas artísticas populares e as suas artistas que nem sempre tiveram visibilidade.

Cinematograficamente, mostra como um filme curto pode combinar qualidade artística, investigação cultural e relevância cultural.

## 6. Cultura

A curta decorre na cidade de Azemmour, uma localidade histórica do litoral marroquino e representa a cultura popular e feminina do país.

• Música Aita: um dos géneros musicais mais antigos e impor-

tantes do património cultural marroquino. A palavra aïta significa "grito" e "chamamento".

É de origem rural, especialmente praticada nas regiões de Poukkala, Abda e Chaovia, no oeste do país. A aïta combina poesia, canto e dança, acompanhadas por instrumentos tradicionais como o bendir (tambor), o violin rabab e o letor (cordofone).

As canções abordam temas como o amor, a coragem, a dor, a luta e a vida quotidiana. Durante muito tempo, serviram também como forma de expressão social e histórica. No contexto do filme, a aïta é uma herança. Representa a ligação entre gerações. É este o legado que Fatine herda da mãe e com o qual tem de aprender a reconciliar-se.

### • Chikhates:

As chikhates são cantoras e dançarinas da aïta. As chikhates são historicamente respeitadas pelo povo, mas também alvo de preconceito em meios conservadores por atuarem em festas e celebrações públicas, estas mulheres têm um papel essencial na transmissão de cultura.

No filme, a mãe, Nádia, é orgulhosa da sua arte, mas consciente do estigma social. A filha, vive o conflito entre o amor pela arte e o medo da rejeição.

A chikha simboliza mulher liune, resistente e guardiã da memória cultural marroquina, representando força, dignidade e liberdade de expressão perante as pressões sociais.

### • Hena (hinna em árabe):

Em várias cenas do filme, observa-se que as mulheres têm as mãos e os pés pintados com uma tinta acastanhada e avermelhada. É um corante natural muito usado em Marrocos e outras regiões do Norte de África.

A hena é aplicada em momentos especiais: como casamentos e rituais. Tem um forte valor simbólico, como beleza, valor espiritual (acredita-se que protege de mau-olhado). Além disso, representa renovação e passagem— Quando a hera é aplicada, marca-se uma mudança de fase na vida da mulher.

No contexto da curta-metragem a hena nas mãos e pés assume um valor cultural e emocional, é um símbolo da tradição feminina que passa de mãe para filha, tal como a aïta.

## 7. Opinião

A meu ver, "Chikha" foi a melhor curta-metragem do festival Olhares do Mediterrâneo porque tivemos a oportunidade de aprender sobre a cultura marroquina e o quão grande é. Impressionou-me pela forma como une tradição, identidade e arte e apesar de ter apenas uma duração de aproximadamente 20 minutos, transmitiu ao público exatamente como era a cultura marroquina, tanto o lado artístico (família de Fatine) como o lado conservador (família de Youssef). Achei particularmente interessante a atenção dos realizadores a todos os detalhes, como a hena, a roupa, a música, foram retratados de uma forma extremamente realista.

(Continua na página 29)



(Continuação da página 28)

"Chikha" é uma obra que nos leva a refletir sobre as nossas decisões de vida, as raízes e a cultura do nosso país de origem. Mostra que a modernidade não precisa de apagar a tradição e que o verdadeiro progresso acontece quando aprendemos a valorizar o passado.

Resumindo, considero este filme, muito sensível, artístico e culturalmente relevante. É uma homenagem à mulher marroquina, à força de arte e à beleza da vida.

## 8. Conclusão

Em suma, o filme "Chikha" é uma representação comovente da ligação entre arte, tradição e identidade em Marrocos. Através da música aïta, das chikhates e dos símbolos culturais como a hena, a obra mostra a força das mulheres e o valor da herança cultural que passa de geração em geração. Mais do que uma simples história, "Chikha" é um retrato de um país e da sua cultura.

**Matilde Nunes**



## Cine Rainha – Projeto Lumière – a Magia do Cinema

Particpei no Cine Rainha durante o 10.º e o 11.º ano, e essa experiência marcou-me profundamente. Ao longo desse tempo, vi alguns colegas saírem e outros entrarem projeto, mas acredito que todos, sem exceção, foram importantes para a construção das ideias e da essência que hoje associamos ao Projeto Lumière. Em minha opinião, este projeto traz uma mensagem pura e nostálgica, possuindo a capacidade de unir alunos de diferentes cursos e escolas em torno de algo maior, o amor pelo cinema e pela arte de ver o mundo com outros olhos.

O Projeto Lumière é, sem dúvida, um convite ao apreço pelo ordinário, um incentivo a parar, observar e sentir. Integrado no Plano Nacional de Cinema, o desafio do "Minuto Lumière" convida-nos a percorrer um caminho de sensibilização dos sentidos, fazendo-nos perceber o quanto a sétima arte faz parte das nossas vidas. O cinema marca todas as fases da nossa existência, recordamos tardes risonhas, o cheiro de pipoca e o vislumbre de estar diante de um portal para outra dimensão, lembra-nos a sensação de estar apaixonados ao ver um romance, mesmo sem estarmos; e até daquele arrepio que sentimos depois de um bom filme de terror, quando qualquer som na madrugada parece ganhar um novo significado. O cinema desperta em nós sentimentos tão diversos quanto profundos, e cada um o sente de maneira única.

A magia do cinema manifesta-se de forma tão subtil que, por vezes, mal nos apercebemos dela. Está presente em cada detalhe pensado, em cada gesto captado pela câmara, em cada som que toca o nosso coração. E ao descrever tal grandeza, é impossível não reconhecer o imenso poder que o cineasta tem nas mãos quanta responsabilidade e, ao mesmo tempo, que privilégio. Talvez pareça inalcançável pensar que algum dia poderemos criar algo que marque as tardes, as férias ou até a vida de alguém, mas a verdade é que toda a grandeza do cinema nasce precisamente daí: da capacidade de sensibilizar o olhar. E foi isso que este projeto nos proporcionou - a experiência de estar, ainda que por instantes, com uma claquete nas mãos e um olhar criador diante do mundo.

Vivemos num tempo em que a nova geração tende a endurecer o coração, a afastar-se da delicadeza e da ternura com que antes se apreciavam as pequenas coisas. O mundo anda depressa demais e esqueceu-se do valor dos processos, de beleza

que existe em cada etapa. Queremos tudo de forma imediata, e nesse desejo, acabamos por perder o encanto da criação mais profundo e humano de todos os processos.

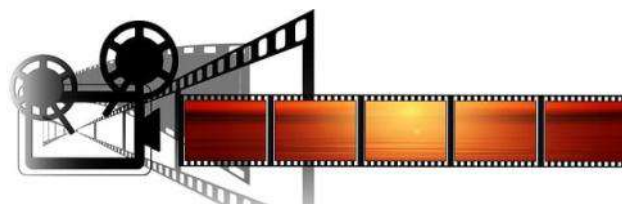
Por isso, projetos como este, integrados no Plano Nacional de Cinema, tornam-se cada vez mais necessários. O conhecimento é vital, não apenas para o desenvolvimento académico mas também para o ético e o emocional. O cinema ensina-nos a refletir, a desenvolver o nosso olhar crítico, a compreender o outro e a abraçar o mundo que nos rodeia com empatia. O cinema cria laços, desperta amizades, preserva a história e transforma vidas. É relato, e memória, é poesia em movimento. E arte viva, que acolhe e educa o coração.

De todas as experiências, a que mais me marcou foi ver o filme "Cinema Paraíso". Até hoje, ele recorda-me a razão pela qual o cinema será sempre uma fonte de curiosidade e encanto para mim. É um universo infinito, sempre com algo novo a descobrir, sempre com um novo olhar à espera de nascer.

Serei eternamente grata às professoras do PNC que com tanto carinho, nos incentivaram neste projeto, assim como ao professor e realizador de cinema João Gomes (coordenador do Cinalfama) cuja dedicação e entusiasmo deram vida a cada etapa desta experiência. Aqui deixo a minha mais sincera gratidão e admiração por todos vocês, queridos professores.

Aos meus olhos, não poderia haver projeto mais precioso do que este. Participar no Projeto Lumière foi uma verdadeira honra uma viagem sensorial, emocional e humana. E, quem sabe, talvez tu, caro leitor, sintas curiosidade em descobrir o que há por detrás desta experiência. Se me permites um conselho, não percas a oportunidade de viver como um verdadeiro cineasta, de olhar o mundo com a ternura e o assombro de quem acredita que o cinema é, e sempre será, uma das formas mais belas de amar a vida.

**Lara Neves**



## “Pequenos” realizadores da Eugénio e do Rainha no Cinalfama de 2025



Alunos da Eugénio dos Santos e do Rainha participaram no Festival Cinalfama com a realização de um filme de um minuto, exibido no auditório do museu do Fado, no dia 23 de julho deste ano com a colaboração do Plano Nacional de Cinema.

“Eu adorei a experiência no Projeto Minuto Lumière porque identifiquei-me com o projeto. Sempre que saía das sessões sentia vontade de ir logo filmar e fazer o exercício pedido, e apetecia-me sempre fazer mais filmes do que era pedido. Foi interessante pensar como é que num filme tão simples como um minuto de câmara fixa, há tanta dificuldade na escolha da melhor perspetiva, iluminação e som. Aconselho a todos a experiência. Obrigado”.

**Francisco Novo**

“Aos meus olhos, não poderia haver projeto mais precioso do que este. Participar no Projeto Lumière foi uma verdadeira honra – uma viagem sensorial, emocional e humana. E, quem sabe, talvez tu, caro leitor, sintas curiosidade em descobrir que há por detrás desta experiência. Se me permites um conselho, não percas a oportunidade de viver como um verdadeiro cineasta, de olhar o mundo com a ternura e no assombro de quem acredita que o cinema é, e sempre será, uma das formas mais belas de amar a vida.”

**Lara Neves**

Para além do nosso Agrupamento, estiveram representados os agrupamentos Passos Manuel (Lisboa), Adelaide Cabette (Odivelas) e IBN Mucana (Cascais).

Ao longo do passado ano letivo, em colaboração com o Plano Nacional de Cinema, o realizador João Gomes, desenvolveu com os alunos, o projeto Minuto Lumière no âmbito do Cinalfama – Associação sediada em Alfama que desde 2009 organiza o Lisbon International Film Festival. Mediante exercícios práticos ao longo do ano, cada aluno foi levado a contribuir com a realização de uma curta no referido Festival- um plano contínuo de um minuto, à semelhança dos primórdios do cinema. Mas agora usamos o telemóvel em vez do cinematógrafo, máquina desenvolvida pelos irmãos Lumière para projetar em publico as primeiras imagens em movimento (há cerca de 130 anos).

Para mais algum esclarecimento, deixamos-te o email da equipa do PNC da Escola, que acolheu desde o início este projeto: cinerainha@aerdl.eu

**Equipa do PNC: Eduarda Pina, Cristina Venâncio e Maria João Carvalho**

## Dia da Poupança – 31 de outubro de 2025

O dia da poupança celebra-se a 31 de outubro, com o intuito de sensibilizar os consumidores para a necessidade de aumentar as poupanças individuais e das famílias.



No dia 31 de outubro, o Secretário de Estado Adjunto e do Orçamento, José Brandão de Brito, veio à Escola Secundária Rainha Dona Leonor dar uma aula no auditório e falar sobre a importância de poupar e sobre como investir essas poupanças para garantir rentabilidade no futuro.

A Diretora do Agrupamento, Dra. Hermínia Silva, fez a abertura da sessão. Depois da aula, o Secretário de Estado Adjunto e do Orçamento respondeu ainda a perguntas dos alunos, nomeadamente sobre o estado do orçamento nos dias de hoje, sobre as principais diferenças entre um orçamento de Estado preparado por um Governo Social Democrata ou por um Governo Socialista ou de Esquerda. A questão das diferentes tipologias de investimentos foi também aprofundada, nomeadamente, o investimento em obras de arte ou ouro.

A sessão foi transmitida em direto para o Youtube. Houve várias turmas no auditório, mas também muitas outras turmas acompanharam a sessão nas suas salas de aula. A sessão foi também gravada e posteriormente editada e está disponibilizada no canal Youtube do Agrupamento: [link aqui](#)

A transmissão e edição do vídeo foi feita por alunos do **Curso Profissional**, utilizando os recursos do **Laboratório LED**. Todo este trabalho foi coordenado pelo técnico e especialista em

filmagens e multimédia, **José Lã Correia** e teve o apoio logístico da escola de tecnologia **Assembly**.

## Um Minuto Lumière

O minuto Lumière é um projeto para a criação de vídeos com um plano-sequência de um minuto com início e fim determinados, inspirados nas primeiras experiências dos irmãos Lumière.

No dia 18 de outubro de 2025, na Escola Secundária Rainha Dona Leonor, o minuto Lumière foi apresentado por João Gomes, realizador e pela Dra. Eduarda Pina, Coordenadora do Plano Nacional de Cinema, no Agrupamento.

O realizador João Gomes falou sobre a arte de fazer filmes e como qualquer um pode ter e executar ideias.

Os vídeos de um minuto não costumam normalmente ser apreciados, mas o realizador João Gomes demonstrou que fazer filmagens de um minuto, com telemóvel, por exemplo, pode ser algo muito criativo que incentiva a observação de cenas do dia a dia.

A sessão ficou gravada pela Equipa LED está disponível no canal de Youtube do Agrupamento: [link aqui](#)

**Francisco Mendes**





## Rainha Dona Leonor de Avis



O trabalho foi feito por:  
Emília Bodas Freitas Bourne Webb

Neste mês, em que se assinalam os quinhentos anos da morte de D. Leonor de Avis, devemos lembrar a sua vida, enquanto uma das figuras femininas mais marcantes da História portuguesa.

Nasceu em Beja, a 2 de maio de 1458, filha do Infante D. Fernando, Duque de Viseu e da Infanta D. Beatriz. Cresceu num ambiente de nobreza, educação e responsabilidade cristã, valores que moldariam toda a sua ação futura.

Aos doze anos de idade casou com o seu primo direito, D. João, mais tarde coroado Rei D. João II, num dos matrimónios mais sólidos e significativos da coroa portuguesa.

Destacou-se pela sua influência política durante e após o reinado de D. João II, salientando-se também a sua devoção religiosa e, especialmente, a sua sensibilidade social que a fez ser pioneira na criação de instituições de apoio aos mais desfavorecidos.

A tragédia não passaria ao lado da sua vida, uma vez que ficou profundamente marcada com a morte do seu filho, o príncipe herdeiro D. Afonso, em 1491, e com a morte do seu marido, em 1495.

Após este período de sofrimento, Leonor de Avis dedicou-se ainda mais à caridade, à cultura e à religião. Foi ainda nesta altura da sua vida que fundou a Santa Casa da Misericórdia, em 1498, instituição que se tornaria fulcral na assistência social até aos dias atuais. Para além disso, criou também o Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa.

O seu legado estendeu-se além da política e da caridade já que, enquanto mecenas, apoiou artistas e movimentos culturais que floresciam no início do Renascimento português, tendo também mandado construir conventos, como o Convento da Madre de Deus, onde viria a ser sepultada.

D. Leonor faleceu a 17 de novembro de 1525, no Paço de Xabregas e, 500 anos depois, continua a ser recordada como uma das personalidades mais humanistas e visionárias da nossa História.

**Gonçalo Beirão**

Dona Leonor de Viseu (ou Dona Leonor de Avis, devido à casa real a que pertencia) reinou ao lado de D. João II durante catorze anos (1481-1495). Ficou conhecida por ser misericordiosa e boa representante dos valores cristãos, que eram de extrema importância para a sociedade profundamente religiosa da época. Alguns historiadores, derivando do cognome do seu marido, o Príncipe Perfeito, consideraram Dona Leonor a Princesa Perfeitíssima. Porém, para além do seu legado histórico, da sua enorme riqueza e prestígio, o seu reinado é, como todos, um espelho da história de Portugal durante este período.

O reinado da Rainha Dona Leonor viu Portugal tornar-se um ponto de referência mundial, devido às viagens marítimas e ao monopólio do comércio, que trouxeram grande riqueza ao país, reforçando a identidade da rainha como um símbolo de tudo o que esta época representa. Tratou, ainda, de deixar a Portugal obras arquitetónicas esplendidas, como o Convento da Madre de Deus (atualmente Museu do Azulejo), em estilo gótico-manuelino (refletindo, novamente, os eventos da sua época), ainda que a maioria do monumento tenha sido destru-

ído em 1775. Possuía um enorme património em arte e ourivesaria, fazendo do Convento um dos maiores patrimónios culturais do país. Apoiou, para além da arquitetura, a construção de hospitais, o Hospital Real de Todos os Santos, que foi, na altura, o melhor hospital de toda a Europa, e o hospital termal das Caldas da Rainha.

A rainha escolheu ser sepultada no Convento da Madre de Deus, numa campa simples e rasa. Tal parece pequena e insignificante, na grande escala do monumento, que se sobrepõe, em termos de permanência, a qualquer vida. Remete, portanto, para o facto de que o que sobra de qualquer figura na História, para além da época em que viveu, e o que nela se passou, são as marcas que deixou, neste caso, os grandiosos monumentos (que coexistem com os eventos que influenciaram a sua arquitetura, neste caso, a expansão marítima) e o património cultural, que até hoje podem ser vistos e apreciados, sendo este o legado da Rainha Dona Leonor.

**Leonor Santos**



## Teste Real

Testa os teus conhecimentos sobre D. Leonor.  
És o rei do conhecimento sobre a rainha?



- 1 Onde nasceu D. Leonor?
  - a) Em Beja.
  - b) No Porto.
  - c) Em Lisboa.
- 2 De quem era filha?
  - a) D. João, Mestre de Avis, e D. Filipa de Lencastre.
  - b) D. João V e D. Maria II.
  - c) D. Fernando e D. Beatriz.
- 3 Como se chamava o filho de D. Leonor?
  - a) Henrique.
  - b) Filipe.
  - c) Afonso.
- 4 Como faleceu o filho de D. Leonor?
  - a) A lutar numa batalha.
  - b) Caiu de um cavalo.
  - c) Foi envenenado.
- 5 O que pedia o povo a D. Leonor?
  - a) Escolas e a Feira da Ladra.
  - b) Escolas e um mosteiro.
  - c) Escolas e um hospital.
- 6 Que cognome lhe foi atribuído?
  - a) Princesa Perfeitíssima.
  - b) Princesa da Misericórdia.
  - c) Princesa Corajosa.
- 7 Em que ano casou D. Leonor com o seu primo D. João?
  - a) 1458.
  - b) 1471.
  - c) 1502.
- 8 Que dramaturgo apoiou?
  - a) Gil Vicente.
  - b) José Saramago.
  - c) Miguel Torga.
- 9 Quem se tornou rei após a morte do rei, marido de D. Leonor?
  - a) D. Duarte.
  - b) D. Miguel.
  - c) D. Manuel.
- 10 Onde está sepultada a Rainha D. Leonor?
  - a) No Mosteiro dos Jerónimos.
  - b) No Convento da Madre de Deus.
  - c) No Palácio da Ajuda.

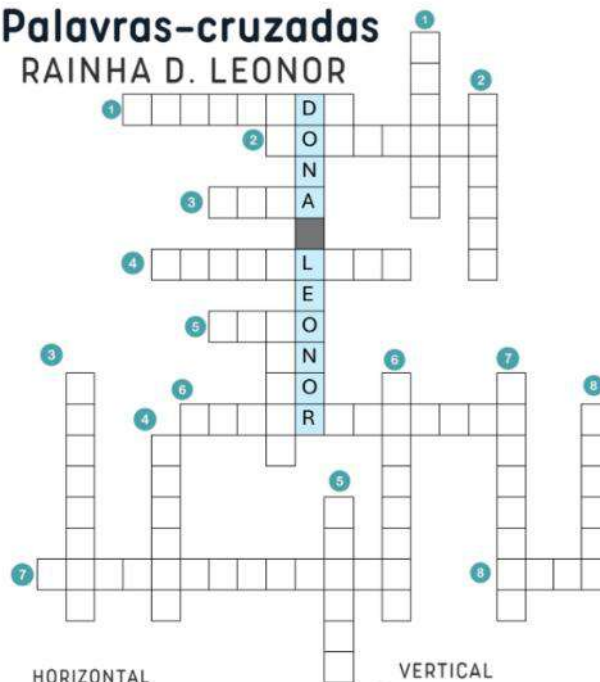
0 a 3 pontos — "Não possas de um pagem!"  
4 a 6 pontos — "Escudeiro da Sabedoria"  
7 a 8 pontos — "Conselheiro Real"  
9 pontos — "Mão Direita da Rainha"  
10 pontos — "A coroa é tua!"

Ester, Filipa, Inês e Rafaela - 6.º

1a 2c 3c 4b 5c 6a 7b 8b 9c 10b

## Palavras-cruzadas

### RAINHA D. LEONOR



#### HORIZONTAL

- 1 Pai de D. Leonor.
- 2 Chamado "Madre de Deus" onde D. Leonor está sepultada.
- 3 Cidade onde nasceu a Rainha.
- 4 Estilo arquitetónico inspirado na expansão marítima.
- 5 Classe social muito ajudada pela Rainha.
- 6 Instituição fundada para ajudar quem tinha dificuldades.
- 7 Cognome dado a D. Leonor por alguns historiadores.
- 8 Denominação da sua dinastia.

#### VERTICAL

- 1 Nome do seu único filho.
- 2 Marido de D. Leonor.
- 3 Cidade onde faleceu o príncipe Afonso.
- 4 Protegidos pela Rainha.
- 5 Relação de parentesco entre D. Leonor e o seu marido.
- 6 O primeiro do mundo, termal.
- 7 Localidade onde D. Leonor se refugiou quando enviuvou.
- 8 Onde a Rainha fundou um hospital.

Catarina, Marianna, Maria Clara e Vanyara - 6.º I

# RAINHA D. LEONOR

## sopa de letras

Conseguem encontrar 15 palavras relacionadas com a vida da Rainha?

d	m	u	x	l	a	f	o	n	s	o	m	r	o	g
e	t	x	a	m	b	y	i	e	d	ó	f	a	o	t
s	a	h	b	n	f	e	r	n	a	n	d	o	i	f
c	x	v	r	c	n	u	a	r	c	z	q	i	p	o
o	h	k	e	o	s	i	b	t	n	r	p	a	t	j
b	o	g	g	n	i	u	n	v	r	v	n	t	s	o
r	s	k	a	s	p	s	u	g	a	i	e	e	a	ã
i	p	c	s	o	t	c	g	d	r	s	z	r	n	o
m	i	s	e	r	i	c	ó	r	d	i	a	n	t	l
e	t	r	t	t	p	o	r	p	v	n	b	k	a	l
n	a	e	e	e	a	s	n	o	v	e	m	b	r	o
t	l	i	d	a	t	z	s	b	e	a	n	e	é	w
o	b	e	n	e	m	é	r	i	t	a	v	j	m	u
s	n	u	o	c	g	i	d	b	l	z	y	a	g	b
c	p	e	r	f	e	i	t	i	s	s	i	m	a	x

Beja

Misericórdia

Perfeitíssima

Fernando

Santarém

Maio

Novembro

Consorte

Afonso

Beatriz

Descobrimentos

João II

Xabregas

Hospital

Benemerita

Lara, Micaela Balão e Rodrigo Silva - 6.º I



# RESPOSTAS

## sopa de letras

Conseguem encontrar 15 palavras relacionadas com a vida da Rainha?

x	e	r	e	s	i	m	a	x	c	o	n	s	o	m	r	o	g
o	n	u	a	c	g	i	d	b	l	z	y	a	g	b	e	t	r
o	b	e	n	e	m	é	r	i	t	a	v	j	m	u	s	n	u
o	i	d	o	s	b	a	o	n	e	s	o	s	o	t	c	g	d
e	t	r	t	t	p	o	r	p	v	n	b	k	a	l	m	i	s
i	p	c	s	o	t	c	g	d	r	s	z	r	n	o	e	a	ã
r	s	k	a	s	p	s	u	g	a	i	e	e	a	ã	n	a	e
b	o	g	g	n	i	u	n	v	r	v	n	t	s	o	t	x	a
o	h	k	e	o	s	i	b	t	n	r	p	a	t	j	f	i	d
c	x	v	r	c	n	u	a	r	c	z	q	i	p	o	o	h	k
s	a	h	b	n	f	e	r	n	a	n	d	o	i	f	t	x	a
e	t	x	a	m	b	y	i	e	d	ó	f	a	o	t	g	m	u
d	m	u	x	l	a	f	o	n	s	o	m	r	o	g	x	e	r

Beja

Misericórdia

Perfeitíssima

Fernando

Santarém

Maio

Novembro

Consorte

Afonso

Beatriz

Descobrimentos

João II

Xabregas

Hospital

Benemerita